



INTERLOCUÇÕES SOBRE LÍNGUA DE SINAIS E SUA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Neiva de Aquino Albres
Mairla Pereira Pires Costa
(Organizadoras)



Neiva de Aquino Albres
Mairla Pereira Pires Costa
(Organizadoras)

INTERLOCUÇÕES SOBRE LÍNGUA DE SINAIS E SUA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO



Florianópolis - SC
2021

© 2021 by Biblioteca Universitária UFSC

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

I61 Interlocuções sobre língua de sinais e sua tradução e interpretação [recurso eletrônico] / Neiva de Aquino Albres, Mairla Pereira Pires Costa (organizadoras). - Florianópolis: UFSC, 2021. 262 p.: il. color.

E-book (PDF)

ISBN 978-65-87206-66-0

1. Língua brasileira de sinais. 2. Tradução e interpretação. 3. Intérpretes para surdos. I. Albres, Neiva de Aquino. II. Costa, Mairla Pereira Pires.

CDU: 800.952

Elaborada pelo bibliotecário Fabrício Silva
Assumpção - CRB-14/1673

APOIO



Biblioteca Universitária - BU
Campus Universitário, Acesso Trindade,
Setor D - 88040-900 Florianópolis, SC
Fone: (48) 3721-9310 \ 3721-4452 <http://portal.bu.ufsc.br/>

Produzido no Brasil
Printed in Brazil



Organização

Neiva de Aquino Albres

Mairla Pereira Pires Costa

Revisão ortográfica e gramatical

Danielle Vanessa Costa Sousa

Brenda Bressan Thomé

Revisão ABNT

Mairla Pereira Pires Costa

Editoração Eletrônica

Neiva de Aquino Albres

Mairla Pereira Pires Costa

Comissão Editorial

Danielle Vanessa Sousa - Instituto Federal do Maranhão -
IFMA

Carolina F. Rodrigues Fomin - Instituto Singularidades - SP

Vânia de A. Albres Santiago - Pontifícia Universidade Católica - SP

Licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial



SUMÁRIO

Apresentação	8
Agradecimentos	11

TRADUÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

Mãos Aventureiras: tradução, formação e ludicidade.....	13
---	----

Carolina Hessel Silveira e Luciane Bresciani Lopes

A tradução de livro didático para a Libras: educação bilíngue à vista	29
---	----

Francine Anastácio da Rocha

Tradução comentada da poesia "Só quero mais giz" de Victória Pedroni (2019)	47
---	----

Ana Gabriela Dutra Santos

Tradução comentada da poesia em Libras "Amor à primeira vista..." de Ananda Elias (2015).....	62
---	----

Marília Duarte da Silva

Tradução para o Português da poesia "International women day" de Angela Eiko Okumura.....	77
---	----

Larissa Fernandes Dias

O gato de botas: escolhas e estratégias de tradução para Libras.....	94
--	----

Talita Nascimento Teles de Freitas

Procedimentos metodológicos de tradução inglês-português-libras na construção do dicionário *Spread the Sign*..... 111
Vitória Tassara Costa Silva e Aline de Castro e Kaster

Entrevista como técnica de pesquisa e sua tradução para Libras..... 130
Silvio Tavares Ferreira e Ana Paula Jung

INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

Interpretação de línguas de sinais em contextos de saúde..... 146
Giovana Cristina Dutra de Campos, Roney Anderson dos Santos Bezerra e Magda Schulz

Resistências surdas contadas de outros modos..... 161
Josué Rego da Silva e Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

FORMAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS E PORTUGUÊS

Análise dos desenhos curriculares dos cursos de graduação brasileiros destinados à formação de tradutores e intérpretes de libras-português 180
Marília Duarte da Silva, Luiza Teixeira Costa Fernandes e Stéfany Gomes Pereira

MAPEAMENTOS DE PESQUISAS

Uma década de estudos sobre o trabalho do intérprete de língua de sinais em equipe: dados do *Journal of Interpreter Education*.....201
Giliard Bronner Kelm e Neiva de Aquino Albres

Pesquisas sobre o intérprete educacional: mapeamento dos diferentes níveis de ensino estudados.....220
Neiva de Aquino Albres e Mairla Pereira Pires Costa

Mapeamento científico dos estudos da tradução e interpretação das línguas de sinais.....238
Victor Mendonça e Neiva de Aquino Albres

APRESENTAÇÃO

Partindo da dimensão bakhtiniana, para a qual o discurso não é individual, mas sim uma produção resultante da relação com outros discursos e entre sujeitos (BAKHTIN, 1999), percebe-se que a organização de um livro, fruto de uma intensa interlocução em evento científico com dias profícuos de enunciados concretos e situados historicamente, revela a mais intensa vivência com a linguagem.

Este volume é o resultado de pesquisas apresentadas no II Colóquio Internacional Educação de Surdos, Libras e Interpretação (CIESLI), realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET), nos dias 17 e 18 de outubro de 2019. O CIESLI é um evento periódico, que permite a discussão acerca da educação de surdos e os embates atuais que envolvem essa questão. O ponto central desse esforço constitui-se na perspectiva de

evidenciar a discussão teórico-prática que abarca diferentes profissionais. Isso significa fortalecer princípios assumidos pela UFSC de disseminar a discussão para a comunidade por meio da extensão referente à pesquisa e ao ensino, envolvendo diferentes áreas.

Essa articulação exige um diálogo interdisciplinar, ou seja, a integração entre diferentes campos do conhecimento. Assim, a realização desse evento é uma oportunidade importante para divulgar, refletir e discutir a educação dos surdos, a Libras como língua de instrução e interpretação educacional e para integrar os diversos personagens (docentes, discentes, professores de surdos, intérpretes e comunidade em geral). Nesse contexto, salienta-se o papel fundamental do CIESLI como espaço de interlocução entre pesquisadores de outras instituições, pós-graduandos e graduandos, o que incentiva o diálogo entre pesquisadores iniciantes e experientes.

Nesse colóquio encontramos pesquisadores de todo o país e estrangeiros. Os trabalhos apresentados promoveram intensa troca, sendo corporificados neste volume. Uma obra bilíngue porque os trabalhos são apresentados em português escrito e em Língua Brasileira de Sinais (Libras), esta por meio de link para nosso canal no *Youtube*, onde foram congregados os textos/discursos em Libras.

O livro reúne quatorze capítulos, que são divididos em quatro seções: i) pesquisas sobre a tradução de línguas de sinais; ii) pesquisas sobre a interpretação de línguas de sinais; iii) pesquisas sobre formação de tradutores e intérpretes de Libras e português (TILSP) no Brasil e iv) mapeamentos das pesquisas (uma forma de traçar os contornos das pesquisas sobre TILSP no Brasil, principalmente). Como tal, o volume aponta para uma diversidade de áreas, fundamentações teóricas e esferas de atuação.

AGRADECIMENTOS

Nosso agradecimento especial à artista surda norte-americana Nancy Rourke¹, que nos cedeu gentilmente sua arte para ilustrar este volume. As obras que compõem a capa são, respectivamente, da esquerda para direita e de cima para baixo: *Freedom in Communication* (2014), *In Deaf Schools* (2014), *George Veditz, Class of 1884* (2014) e *Unity of Global Signing* (2011).

Our special thanks to Nancy Rourke, Deaf artist from the US, who kindly provided her artwork to illustrate this volume. The works that make up the cover are, respectively from left to right and top to bottom: *Freedom in Communication* (2014), *In Deaf Schools* (2014), *George Veditz, Class of 1884* (2014), and *Unity of Global Signing* (2011).



Fonte: Facebook da artista.

¹ Para conhecer as obras da artista, acesse: <https://www.nancyrourke.com/index.htm>. Sobre a artista, acesse: <https://youtu.be/oUivxtk5b7E>.

**TRADUÇÃO DE
LÍNGUAS DE
SINAIS**

MÃOS AVENTUREIRAS: TRADUÇÃO, FORMAÇÃO E LUDICIDADE

Carolina Hessel Silveira¹
Luciane Bresciani Lopes²



Mãos Aventureiras: tradução, formação,
ludicidade

<https://youtu.be/AV0RGTYU2mY>



Palavras-chave: Literatura Surda. Tradução Cultural.
Formação Docente. Ludicidade.

¹ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Departamento de Estudos Especializados (DEE), Faculdade de Educação (FACED), doutora em Educação. E-mail: cahessil12@gmail.com.

² Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Departamento de Estudos Especializados (DEE), Faculdade de Educação (FACED), mestre em Educação. E-mail: lbresciani@gmail.com.

Introdução

Mãos Aventureiras é um projeto de extensão, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criado com o objetivo de contar histórias em língua de sinais e promover ações que colaboram com a sua produção, expressão e circulação. A contação de histórias é uma tradição em muitas culturas. Segundo Ramos (2011, p. 32), a

“[...] arte de narrar histórias encontra suas raízes nos povos ancestrais que contavam e encenavam histórias para difundirem seus rituais, os mitos, os conhecimentos acerca do mundo sobrenatural ou não, e sobre as experiências adquiridas pelo grupo ao longo do tempo”.

O mesmo ocorre na comunidade surda, na qual as histórias do povo surdo passam de mão em mão através dos tempos. Segundo Xavier Neta (2016, p. 58), a “literatura é fundamental, pois, através do contato com contadores de histórias surdos e fluentes

em língua de sinais, a criança desenvolve não apenas suas competências linguísticas, mas tem acesso à cultura e à comunidade surda”.

As produções do projeto foram disponibilizadas no Canal Mãos Aventureiras no *YouTube*. Os vídeos podem colaborar para o desenvolvimento das crianças e jovens surdos, proporcionando o desenvolvimento do domínio de Libras e de seu uso em contextos artísticos, aproximando-os do mundo literário. O objetivo é possibilitar o acesso dos sujeitos surdos à produção infantil, assim como aproximar crianças ouvintes da mesma idade de um conteúdo desenvolvido em língua de sinais.

Metodologia

As ações desenvolvidas pelo projeto Mãos Aventureiras estão centralizadas em três eixos: 1) tradução cultural de obras da literatura infantil; 2) oficina de literatura surda, que se constituiu como um

curso de dicas literárias para o trabalho na educação de surdos e 3) produção de jogos sobre as histórias traduzidas.

1. Tradução cultural das obras de literatura infantil

Ao contar as histórias em língua de sinais, a questão central passa pelo uso da língua em um contexto de dramatização e de apropriação de elementos culturais. Não se trata simplesmente do uso dos sinais, mas da utilização de expressões faciais e corporais que aproximam os leitores surdos da obra, em uma tradução cultural da língua portuguesa para língua de sinais na qual a expressividade assume o primeiro plano e gera versões que não são literais. Segundo Masutti e Paterno (2011), no processo de tradução cultural objetiva-se a construção de referências não apenas à língua, visto a necessidade de produção de conhecimentos de comunidades que sofreram processos discriminatórios. Na escolha das

obras traduzidas foram estabelecidos critérios quanto à variedade de temas, autores, histórias, e qualidade dos livros escolhidos. É necessário apresentar os clássicos, mas também é importante prestar atenção nos lançamentos.

2. Oficina de Literatura Surda

No segundo semestre do ano de 2018 foi organizada, na Faculdade de Educação da UFRGS, a ação de extensão “Oficina de Literatura Surda: dicas literárias para a educação de surdos”. A atividade foi realizada na modalidade presencial, com o objetivo de discutir o uso dos recursos literários e a produção de materiais de Literatura Surda para a educação de surdos. A oficina foi proposta para alunos do curso de Pedagogia Bilíngue, Pedagogia e Letras-Libras, bem como para interessados, fluentes em Libras, que atuavam ou não em escolas de/com alunos surdos.

De maneira geral, as aulas foram previstas de modo prático a partir da discussão e apresentação de estratégias para a contação de histórias da literatura infantil no contexto da educação de surdos. As temáticas escolhidas para o desenvolvimento das atividades da oficina envolveram: humor na Literatura Surda, com a apresentação de piadas e de contadores que trabalham com a temática da Cultura Surda; tradução dos livros de literatura infantil produzidos pelo projeto Mãos Aventureiras e por outros sites que se dedicam ao tema; palestra com a professora Lodenir Karnopp, que trabalhou com o tema da Educação Literária Bilíngue; apresentação, discussão e produção de Poesias Surdas; e finalização das atividades com produções individuais e coletivas dos participantes.

3. Produção de jogos sobre as histórias traduzidas

Os jogos “traduzem a capacidade do homem de criar e reinventar” (MARTINS; JUNG; SILVA, 2018, p. 67). Os sujeitos envolvidos nos jogos e brincadeiras reinventam a própria realidade, se aproximam de outros sujeitos e produzem novos saberes por meio da ludicidade. Nesse sentido, os jogos podem possibilitar o desenvolvimento de um trabalho no qual os alunos surdos têm acesso à produção literária na sua língua e a materiais também em língua de sinais. Os jogos são formas eficientes para o desenvolvimento e apreensão da realidade, pois exercitam a reflexão, o respeito e a disciplina.

Referencial teórico

No desenvolvimento do projeto, noções sobre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais

estiveram presentes desde o início das atividades. A Literatura Surda ocupa-se da produção de materiais que apresentam a cultura surda e a língua de sinais como eixos norteadores das produções. Histórias como a Cinderela Surda (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003), Rapunzel Surda (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003) e Patinho Surdo (ROSA; KARNOPP, 2005), entre outras, contam sobre a vida de personagens surdos e a comunicação em língua de sinais. São produções sobre surdos, como nos exemplos citados, que podem se tratar de adaptações de clássicos infantis.

Segundo Karnopp (2010, p. 161), a Literatura Surda pode ser compreendida como a

produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.

O destaque dessa autora está na centralidade da cultura surda e da língua de sinais em textos literários que traduzem a experiência visual e trazem representações de surdos vinculadas a um grupo linguístico e cultural diferente.

Nesse sentido, compreendemos que as produções do projeto Mãos Aventureiras, no que tange a traduções de obras de literatura infantil, inscrevem-se como Literatura em Língua de Sinais, pois, segundo Mourão (2016), o foco da literatura em língua de sinais é a língua e a forma como o sujeito surdo relaciona-se com as produções. A literatura em língua de sinais, conforme sugere o autor, é parte da Literatura Surda, existe um vínculo entre as produções em razão da língua de sinais e dos sujeitos que as produzem. Mourão (2016, p. 227) afirma que a literatura em língua de sinais é um “artefato cultural linguístico”.

Análise

A partir da apresentação metodológica e teórica, os resultados das ações elaboradas pelo Projeto Mãos Aventureiras concentram-se nas análises de cada atividade. No que se refere à etapa de tradução das obras literárias, identificamos a importância do uso da língua de sinais e seus elementos, tais como os descritores imagéticos. Por exemplo, abaixo apresentam-se as imagens da tradução realizada para o livro *As centopéias e os seus sapatinhos*, no qual inicialmente é apresentado o sinal de sapato utilizado na língua brasileira de sinais (Imagem 1) e, na sequência, a sinalização dos muitos sapatos sendo colocados nos pés da centopeia (Imagem 2):

Imagem 1 - Sinal de Sapato



Imagem 2 - Colocar os sapatos na centopeia



Fonte: Canal Mãos Aventureiras

Para sinalizar os sapatos da centopeia, é utilizada a descrição imagética que permite o “surgimento de signos mais elaborados, a partir das representações das informações registradas e visuais e da construção mental da imagem” (CAMPELLO, 2008, p. 21). Outros elementos importantes nas sinalizações são as expressões faciais e corporais, que modificam o sentido das sentenças sinalizadas.

No que se refere aos resultados da atividade da oficina literária, verificamos a necessidade de seu desenvolvimento pela emergência de discussões sobre o que é Literatura Surda em nossa sociedade

fora dos cursos com formação específica, como no caso dos cursos de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue. Na organização da atividade observamos que os participantes estavam interessados em compreender a importância da contação de histórias em diferentes espaços educacionais, mas não se observa um número significativo de ações e atuação de contadores surdos e/ou ouvintes usuários da língua de sinais, essa temática tampouco tem sido abordada de maneira efetiva nos cursos de formação fora daqueles citados anteriormente.

Do mesmo modo que as atividades de tradução e formação estavam centradas na circulação da língua e da cultura surda para diferentes públicos, mas principalmente para a educação dos surdos, verificamos que a produção dos jogos a partir das obras traduzidas se apresenta como alternativa potente e necessária para o trabalho com a Literatura Surda. A produção dos jogos tem se articulado como

uma ação que pretende garantir a ludicidade no processo de aprendizado, pois a partir do uso da tradução das obras, os professores podem utilizar os jogos como ferramentas para o aprendizado. Segundo autores que trabalham com as questões de ludicidade, observamos a ênfase no brincar dentro da prática escolar, pois

é por intermédio da diversão que o aluno nos revela toda a sua forma de comunicação, sua linguagem, seus sentimentos, emoções. Além disso, é uma maneira de a criança assimilar a realidade em que vive. (MARTINS; JUNG; SILVA, 2018, p. 72).

Conclusão

Como resultados parciais destacamos a produção das traduções culturais de obras literárias, que se configuram como uma produção de literatura em língua de sinais, reconhecendo a importância da formação para o fortalecimento da comunidade

surda e da produção de materiais lúdicos que trabalham a experiência visual e trazem representações de surdos vinculadas a um grupo linguístico e cultural diferente. Como resultados parciais, destacamos a possibilidade de acesso à literatura por parte das crianças surdas, ampliando seus vocabulários e garantindo uma compreensão da cultura da comunidade surda.

Ressaltamos ainda que as editoras brasileiras e estrangeiras que publicam livros infantis contam, atualmente, com poucos livros acessíveis em língua de sinais em seus catálogos. Nesse sentido, o projeto objetiva a aproximação das crianças surdas com a literatura, estimulando a imaginação literária, a moral e a compreensão, entre outros aspectos relacionados à produção e consumo da literatura.

Referências

CAMPELLO, Ana Regina de Souza. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Cinderela Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da Literatura Surda. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010.

MARTINS, Josileide; JUNG, Hildegard Susana; SILVA, Louise de Quadros da. Ludicidade e Desenvolvimento: a importância do brincar na educação. *REVASF*, Petrolina, v. 8, n.17, p. 58-82, dez. 2018.

MASUTTI, Mara Lúcia; PATERNO, Uéslei. *Tradução e Interpretação de Libras*. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura e Bacharelado em Letras - Libras EaD. Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/laboratorios/site/midias/labora>

torio_3_tudo/textos_base/TEXTTO_BASE_TIL.pdf.

Acesso em: 10 abr. 2019.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano;
KARNOPP, Lodenir Becker. *Rapunzel Surda*. Canoas:
ULBRA, 2003.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RAMOS, Ana Claudia. *Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?* 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Patinho Surdo*. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

XAVIER NETA, Celina Nair. "*Senta, que lá vem história!*": Representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

A TRADUÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO PARA A LIBRAS: EDUCAÇÃO BILÍNGUE À VISTA¹

Francine Anastácio da Rocha²



https://youtu.be/BmYOL_i8eWY



Palavras-chave: Tradução. Literatura em Sinais. Libras.

¹ Trabalho orientado pela professora Neiva de Aquino Albres, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET.

² Graduada em Letras Libras - Bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: anastacio.francine@gmail.com

Introdução

O presente trabalho visa abordar aspectos técnicos da atividade do tradutor/intérprete de Língua de Sinais (LS) atuante no contexto de tradução de material didático. Antigamente gravetos, pedras e outros materiais da natureza eram usados como materiais didáticos. Com o passar do tempo houve uma evolução, e hoje esses materiais educacionais são muito mais elaborados e planejados, compondo uma gama de recursos que fazem uso da tecnologia para o processo ensino-aprendizagem. Souza (2007, p. 111) define que “recurso didático é todo material didático utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. No Brasil, a distribuição de materiais didáticos passa por uma avaliação de qualidade pelo Ministério da Educação (MEC).

Atualmente, considerando-se que há políticas que visam a preservação do meio ambiente, e tendo em vista que a produção e distribuição de materiais impressos utiliza mais recursos da natureza, passou-se a optar por materiais não impressos disponibilizados em *softwares* cuja distribuição pela tecnologia está bem desenvolvida, tornando-se cada vez mais acessíveis às escolas.

Também deve-se considerar a Lei nº 10.098 de 19 dezembro de 2000 (BRASIL, 2000), que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Essa conjuntura indica a necessidade da criação de serviços para romper as barreiras de comunicação, dentre eles a tradução para a língua de sinais.

Diante do exposto, os materiais didáticos em Libras devem ser parte da educação das crianças surdas e faz-se necessária a produção desses

materiais, como livros e jogos, a fim de contribuir para o processo de aquisição da língua de sinais e aprendizagem dos conteúdos curriculares.

Em razão de o Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), no artigo 5º, que dispõe que a Libras tem que ser língua de instrução na Educação infantil e no Ensino fundamental, surge a necessidade de que haja materiais didáticos em Libras para que todo o conhecimento seja também veiculado por meio da língua de sinais.



Art. 5º. A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue. (BRASIL, 2005).

Algumas pesquisas, como Silva (2013) e Santos (2012), revelam que ainda é incipiente o número de

recursos e materiais didáticos voltados para Libras. O que existe trata majoritariamente do ensino de vocabulário e alfabeto manual ou sobre a questão da estrutura gramatical da Libras. A produção de jogos para ensino e aprendizagem nessa língua, porém, ainda é escassa.

Interessante notar que a editora Arara Azul, a Secretaria Municipal de São Paulo, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), entre outros, são instituições que produzem livros em português que, comumente, acompanham DVDs com o mesmo conteúdo, porém em Libras. Algumas autoras como Karnopp (2010), Neves (2010) e Albres (2014) também disponibilizam materiais didáticos com conteúdo em língua de sinais.

Referencial teórico

No Brasil, Barbosa (2004) discute sobre os “Procedimentos Técnicos de Tradução”, dividindo-os em treze e fazendo uma recategorização de todos eles. Barbosa (2004), ao se basear em outros estudiosos, acrescenta alguns procedimentos à classificação de Vinay e Darbelnet (1958), que trazem sete procedimentos de tradução. A aplicação desses processos foi estudada em diferentes línguas, tanto que os exemplos apresentados por ela são, geralmente, do inglês para português e do francês para o português. Para a autora, a adaptação:



É o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere o TLO [texto da língua de origem] não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT [língua de tradução]. Esta situação pode ser recriada por uma outra equivalente na realidade extralinguística da LT. (BARBOSA, 2004, p. 76).

A adaptação é considerada como a adequação cultural do texto da língua de partida para o texto da língua de chegada. Na atualidade esse conceito é ampliado, pois teóricos como Bastin ([1998] 2011) consideram a prática da adaptação como um procedimento global, que envolve diversos outros procedimentos secundários de tradução.

Nesse sentido, Amorim (2013) procurou sistematizar uma categorização dos procedimentos secundários do processo de adaptação. Ao estudar a tradução para quadrinhos de um texto literário do gênero drama de forma adaptada (inglês para português), ele descreve o procedimento de adaptação como um tipo especial de equivalência que o tradutor utiliza com o objetivo de deixar o texto natural para o seu leitor.

Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida com base em abordagem de cunho **qualitativo**, pois se

preocupa com a compreensão de um fenômeno, explicando o porquê deste (MOTTA-ROTH, 2003). O estudo tem o objetivo de descrever, compreender e explicar um procedimento de tradução de português para Libras, mais precisamente o procedimento de adaptação em tradução de material didático.

Quanto à natureza da pesquisa, ela é **aplicada**, pois objetiva gerar conhecimento sobre o procedimento de tradução (adaptação). Esse conhecimento pode ser aplicado em práticas de tradução, contribuindo para solucionar problemas de tradutores de materiais didáticos e de outros gêneros textuais.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é descrever quais procedimentos de adaptação possuem a multimodalidade utilizada na tradução de Português para Libras de livros didáticos, configurando-se como uma pesquisa **descritivo-analítica**.

Temos como questões de pesquisa os seguintes questionamentos: *Quais elementos do livro didático multimodal motivam a enunciação em Libras (texto traduzido)? Em que medida elementos verbais e não-verbais do livro impresso contribuem para produção em Libras?*

Para tentar responder a essas questões, selecionamos como *corpus* os materiais traduzidos como livros didáticos publicados pela editora Arara Azul.

Análise

De modo geral, este trabalho refere-se à análise da coleção Porta Aberta - Alfabetização de Português dos 1º, 2º e 3º anos da Editora Arara Azul, tendo por objetivo descrever os processos criativos da enunciação em Libras no procedimento de adaptação técnica de Português para Libras

ocorridos em texto multimodal (texto de livro didático).

Dentre os excertos analisados, apenas sete apresentaram a multimodalidade no material didático, ou seja, situações em que a imagem motivou a estratégia de tradução em Libras. Descrevemos todos os procedimentos adotados pelos tradutores relacionando imagem, texto e Libras e apresentamos inicialmente uma síntese dos achados. De todas as páginas dos três livros, selecionamos e apresentamos, inicialmente, apenas as ocorrências de uso do procedimento técnico de adaptação.

Foram encontradas cinco páginas do livro do 1º ano que continham ilustrações e texto relacionados. Contudo, apenas em uma página identificamos a motivação no texto multimodal para a tradução em Libras. No livro do 2º ano, foram encontradas sete páginas que continham ilustrações associadas ao texto em português. Destas, cinco motivaram a

expressão em Libras (língua de chegada da tradução). Já no livro do 3º ano, foram encontradas vinte e três páginas com ilustrações relacionadas ao texto em português. Dentre elas, apenas uma motivou a tradução em Libras.

A hipótese inicial que tínhamos era de que os tradutores utilizaram os procedimentos técnicos da tradução - dentre eles o de adaptação - para os termos que se referem à audição. Isso foi constatado e descrito (Quadro 1). Foram levantados os seguintes termos que remetem à audição ou linguagem: falar, ouvir, cantar, ler, nomear, voz alta, oralmente, contar e recitar.

Analisamos a tradução realizada nos livros didáticos da coleção supracitada, em que os dados foram coletados manualmente, a partir de materiais digitalizados.

Quadro 1 - Apresentação de dados

Livro de Português: Porta aberta 1º ano		
Pág.	Língua-fonte (português)	Língua-alvo (Libras)
56	"Depois leia a lista em voz alta"	DEPOIS LER LISTA OU LIBRAS
91	Em que época do ano ela costuma ser cantada ?	ESS@ MÚSICA SEMPRE LIBRAS CANTAR SEMPRE ANO PERÍODO ANO QUAL?
Livro de Português: Porta aberta 2º ano		
146	Você e seus colegas já devem ter ouvido ou lido a história: <i>Os três porquinhos</i> .	AMIG@ JÁ PERCEBEU OUVIU VER COMO HISTÓRIA 3 PORCO
Livro de Português: Porta aberta 3º ano		
09	"Responda oralmente à questão abaixo"	RESPONDER LIBRAS ORALIZAR PERGUNTAS LISTA
13	"Preste atenção quando ele estiver falando "	QUANDO VER FALAR PROFESSOR@ FALAR LIBRAS
30	" Conte para os seus colegas em que música tradicional infantil e em que parlenda essa autora se inspirou para escrevê-lo"	AGORA VOCÊ CONTAR LIBRAS GRUPO QUAL MÚSICA TRADIONAL TAMBÉM P-A-R-L-E-N-D-A EST@ MULHER ESCREVER VER ADAPTOU ESCREVER QUAL?
33	"Aquilo que você está louco para contar "	SABER VONTADE FALAR LIBRAS
257	" Ouçam com atenção a leitura das outras duplas"	LER DOIS-DOIS-DOIS OUVIR VER

300	"Ditem as instruções do Modo de preparar para que o professor faça o registro na lousa"	FALAR LIBRAS REGRAS ORGANIZAR PROFESSOR@ OUVIR VER ESCREVER QUADRO
300	"No momento em que estiverem ditando , façam pausas para ler e reler o texto."	ESPERAR TEMPO FALAR LIBRAS ESCREVER VER LER DENOVO LER DENОВО

Fonte: Porta Aberta: Letramento e Alfabetização (2011).

Conclusão

O presente trabalho apresentou como resultado 92 excertos encontrados nos três livros analisados, sendo que todos utilizaram o procedimento de adaptação. No entanto, apenas sete excertos apresentaram a multimodalidade, tendo a imagem como motivação para empregar estratégias de tradução para Libras.

Descrevemos todos os procedimentos adotados pelos tradutores relacionando imagem, texto e Libras. No decorrer da análise dos dados e da construção do Trabalho de Conclusão de Curso

(TCC), percebemos que além de serem observadas as adaptações, a tradução de material didático eminentemente multimodal, os tradutores leem o texto verbo-visual (texto escrito e ilustrações), para só então criar estratégias que os auxiliem na tradução.

Conclui-se que, quando da tradução de material didático, eminentemente multimodal, os tradutores inicialmente leem o texto verbo-visual (texto escrito e ilustrações) para apenas após criar estratégias que os auxiliem na tradução para Libras. A insuficiência de conhecimento sobre o emprego do procedimento técnico de tradução - adaptação para Libras -, associada ao interesse de compreender esse fenômeno quando de tradução de texto multimodal foram motivações para a realização do estudo.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e

polifonia em questão. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1151-1171, 2014.

AMORIM, Marcel Alvaro de. A adaptação como procedimento técnico de tradução: uma leitura descritiva do Hamlet em quadrinhos brasileiros. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 287-311, 2013.

ARARA AZUL. *Site da Editora*. A Empresa. Disponível em: <http://editora-araraazul.com.br/site/empresa>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 2004.

BASTIN, Gary Lee. Adaptation. Traduzido do espanhol por Mark Gregson. In: BAKER, Mona. SALDANHA, Gabriela. *Routledge encyclopedia of translation studies*. Londres; New York: Routledge, 2011.

BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabelle. *Porta Aberta: Letramento e Alfabetização*. 1º ano do Ensino Fundamental I. São Paulo: FTP Editora, 2011.

BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabelle, *Porta Aberta: Letramento e Alfabetização*. 2º ano do Ensino Fundamental I. São Paulo: FTP Editora, 2011.

BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabelle. *Porta Aberta: Letramento e Alfabetização*. 3º ano do Ensino Fundamental I. São Paulo: FTP Editora, 2011.

BRASIL. *Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005.

BRASIL. *Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000*. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2000.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura. *Cadernos de Educação*, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, v. 36, p. 155-174, maio/agosto 2010.

MOTTA-ROTH, D. (org.). *Redação Acadêmica: princípios básicos*. 3. ed. Santa Maria: UFSM, Imprensa Universitária, 2003.

NEVES, Sylvia Lia Grespan. *Mãos ao vento*. São Paulo: s/editora, 2010.

SANTOS, Eli Ribeiro. O ensino de língua portuguesa para surdos: uma análise de materiais didáticos. *In: Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa*, 2., v. 2, n. 1, Uberlândia, MG. *Anais [...]*. EDUFU, Uberlândia, MG, 2012. p. 1-12. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_103.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

SILVA, Jucivagno Francisco Cambuhy. *O ensino de física com as mãos: Libras, bilinguismo e inclusão*. 2013. 219 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de

Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, Salete Eduardo de. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. *In*: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”, Maringá-PR, v. 11, Supl. 2, p. 110-114, 2007. Disponível em: <http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2015-II/slides/Rec%20Didaticos%20-%20MAT%20103%20-%202015-II.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VINAY, Jean-Paul. DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*: méthode de traduction. Paris: Didier, 1977.

TRADUÇÃO COMENTADA DA POESIA "SÓ QUERO MAIS GIZ" DE VICTÓRIA PEDRONI (2019)¹

Ana Gabriela Dutra Santos²



<https://youtu.be/UOqY6y1N3UA>



Palavras-chave: Tradução comentada. Poesia. Libras.

¹ Trabalho orientado pela professora Neiva de Aquino Albres, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET.

² Graduada em Letras Libras - Bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: a.dutra@grad.ufsc.br.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo trazer a experiência comentada da tradução do poema em Língua Brasileira de Sinais intitulado “Só quero mais giz”, de autoria da poetisa surda Victória Pedroni, traduzido para a língua portuguesa escrita.

Essa poesia foi criada e divulgada em um momento de luta em nosso país. Diante da atual situação política do Brasil, em que um contingenciamento de verbas foi feito no âmbito educacional, e dos movimentos levantados por estudantes, professores, pais, entre outros, a poesia foi criada como sinônimo de luta e de denúncia pela comunidade surda e por aqueles que se unem para lutar pelo direito a uma educação pública acessível a todos.

A poesia é um gênero literário capaz de expressar sentimentos, lutas, crenças, ideologias,

poder, superação, conhecimento, etc. Sendo assim, esse gênero é bastante explorado pela comunidade surda. Segundo Sutton-Spence (2014, p. 113), a poesia de língua de sinais constitui “[...] elementos da identidade Surda, conhecimento e poder Surdo e ouvinte, movimentos de resistência Surda, ideologias e discursos hegemônicos, que foram todos percebidos como essenciais em vários poemas sinalizados”.

A poesia em língua de sinais tem uma marca muito forte da cultura surda. É perceptível o quanto a visualidade e a simultaneidade da língua nos trazem aspectos diferentes das poesias em línguas vocais-auditivas. A emoção, as rimas, a simetria, o movimento do corpo, as expressões não-manuais, o impacto de alguns sinais e, às vezes, sua leveza, nos trazem emoções e euforias difíceis de descrever.

Referencial teórico

A tradução de poesias é bastante discutida por teóricos da área, trazendo, em especial, questões acerca da traduzibilidade desse gênero. Para alguns autores, esse gênero é intraduzível, enquanto outros questionam se é possível fazer tais traduções. Neste trabalho acreditamos que a tradução de poesia é possível, e, para isso, consideramos que muitas vezes o tradutor precisa tornar-se autor para que a tradução seja realizada. Nicoloso afirma que “traduzindo o poema do outro, fala de si próprio, coloca-se em evidência, despe-se e veste a fantasia do autor, torna-se o autor” (2010, p. 309).

Além de tornar-se autor, em várias ocasiões o tradutor de poesias se encontra traduzindo muito além de questões linguísticas. A título de exemplo, podemos citar as diferenças culturais tão presentes nesse gênero e que requerem do tradutor um

conhecimento dos costumes e hábitos das culturas envolvidas. Ao traduzir poesias, pode-se afirmar que estamos transitando entre dois mundos diferentes, que nos dão acesso a um leque de questões culturais e escolhas lexicais, morfológicas e sintáticas a serem feitas na tradução.

Para as escolhas tradutórias, pensamos no texto como um todo, no seu sentido e na mensagem que queria expressar. Utilizamos assim teóricos que levam em consideração aspectos extralinguísticos em uma tradução como, por exemplo, a teoria funcionalista de Christiane Nord. Essa teoria é definida por Nord (2016) como um meio de focalizar a função do texto e das traduções, lembrando que ambos estão inseridos em contextos culturais distintos e envolvem públicos distintos. Assim, a função do texto pode ser observada de acordo com o contexto de produção e/ou tradução do texto-fonte; ou seja, os aspectos

extralinguísticos devem ser levados em consideração na tradução.

Metodologia

A poesia "Só quero mais giz", traduzida e comentada neste trabalho, foi produzida por Victória Pedroni e publicada em sua conta no *Facebook*. O processo tradutório iniciou-se com uma análise detalhada do vídeo. A poesia foi assistida por diversas vezes e glosas foram feitas com o intuito de facilitar a tradução.

Em seguida, iniciamos a tradução assistindo ao vídeo e usando a glosa como base para pensar no léxico em português. Nessa etapa foi realizada uma primeira versão da poesia, na qual se buscou adequar as rimas e questões estéticas do gênero poesia. Em uma segunda etapa, focou-se principalmente no léxico, buscando expressar os sentimentos, as

angústias e o espírito de luta expressos no poema. Por fim, foram realizados alguns ajustes na tradução para obtermos a versão final da poesia.

As categorias de análise da tradução comentada foram construídas com base nos problemas de tradução enfrentados. Um ponto fundamental da construção poética se detém na metáfora desenvolvida pela autora e reconstruída pela tradutora.

Análise

Tendo em vista que a poesia “Só quero mais giz” demonstra a oposição da autora e da comunidade surda em relação à política e às tomadas de decisão do governo, as escolhas lexicais foram influenciadas pelo momento político, histórico e social em que a autora da poesia e a tradutora vivem, e pela posição de ambas, que são estudantes de uma rede pública e

lutam pelo direito de uma educação pública para todos.


Como já dito acima, a poesia “Só quero mais giz” foi criada e divulgada em um momento de luta em nosso país. O atual governo eleito é um governo de direita, que se elegeu com um discurso de rupturas e combate à corrupção. Segundo cientistas políticos, desde a posse do governo Bolsonaro estamos vivendo uma série de crises em vários âmbitos como na educação, saúde, previdência social, entre outras.

Uma das crises que mais impactou e incentivou as pessoas a se expressarem e irem para as ruas em busca de seus direitos ocorreu no âmbito educacional. Desde que o governo anunciou o contingenciamento de verbas - mais conhecido como cortes de verbas - a população, os estudantes, professores, pais, etc., protestaram de várias formas, por meio de passeatas, reuniões, cartazes,

paralisações, textos, poesias, vídeos, entre outros, para demonstrarem todo seu descontentamento com a medida.

Assim, essa poesia demonstra a fase que estamos vivendo e o protesto de alunos surdos e da comunidade surda em geral. Diante de todo o cenário político no Brasil, a poesia foi publicada e traduzida buscando demonstrar esses fatores extralinguísticos. A tradução da poesia foi feita da seguinte forma:

Quadro 1 - Tradução do poema

Poema "Só quero mais giz", de Vitória Pedroni ³	Tradução do poema por Ana Gabriela Dutra Santos
 	<p><i>Ser mestre e ensinar Ser mestre e lecionar Ser mestre e educar Educar com dificuldade Dificuldade que aumentará</i></p> <p><i>E quando nos cortam parte do direito de ensinar Nos mantemos firmes E continuamos a educar</i></p> <p><i>E se nos tiram todo o direito de ensinar Unidos iremos à batalha e enfrentar</i></p> <p><i>O giz é nossa arma E ela vamos levantar Para a luta travar E nossa alma acalmar</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A escolha do léxico do último verso da estrofe "Dificuldade que aumentará" é uma escolha da

³ Disponível em: <https://youtu.be/OtE5vIECmZE>.

tradutora, que está vivendo e sendo influenciada por todas as questões sociais que estão acontecendo, em meio a discussões e percebendo como o governo e a população estão reagindo diante de todas as decisões e movimentos que estão ocorrendo.

*Ser mestre e ensinar
Ser mestre e lecionar
Ser mestre e educar
Educar com dificuldade
"Dificuldade que aumentará"*

Levando em consideração o art. 205 da Constituição Federal de 1998, que afirma que a educação é "direito de todos e dever do Estado [...]", o que confirma que todos têm o direito à educação, e que o Estado tem o dever de conceder à população uma educação onde todos possam ter acesso, é explicitado o seguinte no segundo verso da segunda estrofe:

*E quando nos cortam
parte do "direito" de ensinar
Nos mantemos firmes
E continuamos a educar*

As escolhas das palavras "batalha" e "luta" no quarto verso da terceira estrofe e no terceiro verso da quarta estrofe, respectivamente, foram feitas pelo movimento social que estava acontecendo junto a todas as deliberações feitas pelo governo.

*E se nos tiram
todo o direito de ensinar
Unidos iremos
à "batalha" e enfrentar
O giz é nossa arma
E ela vamos levantar
Para a "luta" travar
E nossa alma acalmar*

No processo de tradução, percebemos a metáfora pretendida pela autora, cujo sentido foi

possível reconstruir em português empregando as palavras “luta” e “batalha”. Como afirma Lacerda (2008), a difícil tarefa do tradutor/intérprete pode ser definida como um dilema: de um lado evitar impor o modo de ser de uma cultura, repetindo palavras e metáforas que a ela pertencem, e de outro “impor ao texto a ser traduzido o modo de ser de sua própria cultura, obscurecendo estilos e ênfases que dão vida e especificidade ao texto”. (2008, p. 4). Assim, desenvolvemos a tradução com uma reescrita marcada pela leitura e subjetividade da tradutora.

Conclusões

Diante do exposto, observamos o quanto a poesia é usada pela comunidade surda não apenas como forma de literatura, mas também como conhecimento e poder surdo, luta, denúncia, resistência, etc. Dessa forma, acreditamos que um enfoque tradutório pelo sentido e que motive a

criatividade e autoria do tradutor se faz essencial para que o texto traduzido imprima o que foi expresso no texto de partida em Libras.

A poesia se faz de grande importância para a comunidade surda e para aqueles que têm acesso a essa arte tão linda e impactante. Assim, suas traduções também são de grande importância para que aqueles que não tiveram acesso à poesia em Libras possam acessá-la em português, e conheçam mais sobre a comunidade surda e suas poesias.

Referências

BRASIL. *Constituição (1989)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 01 ago. 2019.

LACERDA, C. B. F. *O intérprete de língua brasileira de sinais: investigando aspectos de sua atuação na*

educação infantil e no Ensino Fundamental. São Paulo: FAPESP, 2008. Relatório Final. Proc. 00443-3/05.2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/115066971/LACERDA-2008-Interprete-de-Libras>. Acesso em: 12 nov. 2017.

NICOLOSO, S. Traduzindo poesia em língua de sinais: uma experiência fascinante de verter gestos em palavras. *Cadernos da Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 307-332, 2010.

NORD, Christiane. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. São Paulo: Rafael Copetti, 2016. p. 439.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue. *Educ. rev.*, Curitiba, n. spe-2, p. 111-128, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/08.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

TRADUÇÃO COMENTADA DA POESIA EM LIBRAS “AMOR À PRIMEIRA VISTA...” DE ANANDA ELIAS (2015)¹

Marília Duarte da Silva (UFSC)²



<https://youtu.be/04gt2n8iTus>



Palavras-chave: Tradução comentada. Poesia.
Literatura em Sinais. Libras.

¹ Trabalho orientado pela professora Neiva de Aquino Albres, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET.

² Graduada em Letras Libras - Bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: mariliaduarte@grad.ufsc.br.

Introdução

A literatura, em geral, é uma expressão artística capaz de revelar características próprias de uma determinada comunidade. Por meio dessa expressão, um autor pode vir a criar histórias carregadas de emoções, muitas vezes com uma forte ligação ao momento histórico em que vive.

O objetivo deste estudo é comentar algumas estratégias adotadas na tradução da poesia em Língua Brasileira de Sinais “Amor à primeira vista...”, da poetisa surda Ananda Elias, para a Língua Portuguesa escrita. A poesia em língua de sinais está imersa na literatura surda e, segundo Leech (1969 *apud* SUTTON-SPENCE, 2014), a língua usada em poesia sinalizada geralmente desvia-se da sinalização cotidiana.

Identificamos no poema escolhido um uso contínuo de expressões não manuais e classificadores

pela poetisa. Com isso, um dos desafios durante a tradução foi nomear os personagens que fazem parte de um diálogo amoroso presente no poema. Nele, a poetisa não determina uma voz discursiva de narrador, e encena a história fazendo o uso dos recursos visuais da Libras. Para a poesia em português, o léxico escolhido buscou expressar a leveza do poema afetoso por meio do jogo descontraído de rima entre as palavras.

Referencial teórico

Com base nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) e Estudos da Literatura Surda, desenvolvemos algumas reflexões sobre os problemas encontrados e as escolhas de tradução realizada.

Alguns autores de línguas orais, como Laranjeira (2012) e Batista (2015), tratam a tradução de poesia como a de um texto de alta complexidade.

A relevância das marcas textuais e a dimensão extralinguística dessa função poética muitas vezes dificultam a tradução, e na maioria das vezes o poema traduzido parece não condizer com o texto original.

A própria definição do que vem a ser um poema é complexa, principalmente, tratando-se de poemas em línguas de sinais. Segundo Sutton-Spence e Machado (2018), os poemas em línguas de sinais, em sua maioria, são mais curtos do que outros gêneros, e em alguns poemas as escolhas de vocabulário utilizam sinais incomuns ou mesmo sinais que são criados para elaboração da poesia. Essas características foram identificadas na obra, além do uso de classificadores pela poetisa. Estudos como o de Schembri (2003) apresentam a definição do que vêm a ser os classificadores em língua de sinais, a fim de melhor exemplificar:



A Língua Australiana de Sinais (Auslan) tem uma categoria de verbos polifuncionais (ou “classificadores”) de movimento, localização, manipulação e descrição visual-geométrica (SCHEMBRI, 1996). Construções semelhantes foram identificadas em mais de trinta outras línguas de sinais naturais. Nas descrições dessas linguagens, a unidade significativa expressa pela forma de mão em verbos polifuncionais (doravante, PVs) geralmente vem a ser descrita como um morfema classificador, porque a escolha da forma parece variar de acordo com as características salientes do referente, especialmente sua forma. (SCHEMBRI, 2003, p. 3)³.

Nesse sentido, o uso de classificadores impede uma tradução literal da poesia, entretanto, estimula a

³ *Australian Sign Language (Auslan) has a category of polycomponential (or “classifier”) verbs of motion, location, handling and visual-geometric description (Schembri, 1996). Similar constructions have been identified in over thirty other natural signed languages. In descriptions of these languages, the meaningful unit expressed by the handshape in polycomponential verbs (henceforth PVs) has generally come to be described as a classifier morpheme, because the choice of handshape appears to vary according to the salient characteristics of the referent, especially its shape. (SCHEMBRI, 2003, p. 3).*

criatividade do tradutor para produção do texto traduzido.

Metodologia

Pautados em uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizamos a metodologia de estudo de caso. Nesse sentido, conduzidas pelos princípios das características da tradução comentada apreendida como um gênero acadêmico-literário, conduzimos nossa análise da poesia traduzida (TORRES, 2017).

Nesse processo, desenvolvemos a análise de aspectos da macro e da microestrutura da obra, a fim de observar se houve perdas, compensações ou ganhos na tradução. Tomamos como referência Schembri (2003) para comentar sobre a presença dos classificadores nesse texto poético. O poema analisado e traduzido foi publicado em site da

internet, disponível gratuitamente, e incorporado na “Antologia de poesia UFSC Libras”⁴

O percurso da tradução comentada envolveu a tentativa de unir as teorias estudadas com a prática, a apresentação de alguns obstáculos encontrados, assim como alguns comentários sobre as escolhas tradutórias. Primeiramente, realizamos observações detalhadas do vídeo da poesia. Em seguida, iniciamos uma análise e tentativa de tradução literal por meio da visualização do texto por diversas vezes.

Buscamos identificar os sinais em Libras e os sentidos proferidos em língua de sinais, mergulhar na visualidade da expressão corpórea, e focar nas expressões faciais e marcadores discursivos das personagens da poesia, bem como as pausas, para só então pensarmos em sua expressão em português.

⁴ Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/176560>.

Em uma segunda etapa da pesquisa, produzimos uma primeira versão, na qual buscou-se adequar os elementos selecionados na tradução para a modalidade de poesia em português com o intuito de facilitar a compreensão do público-alvo, tomando nota das motivações para tais escolhas tradutórias. Em uma terceira etapa, foram analisadas atentamente as repetições, rimas, ritmos e outras funções estéticas do texto fonte para guiarem as escolhas tradutórias para a versão final.

Análise

Em síntese, o poema é construído todo sem determinação da voz discursiva do narrador. Nele, há um diálogo entre dois personagens que é expresso entre as vozes do eu e do outro. No corpo da poetisa está o “eu” e na mão esquerda o outro. O poema versa sobre um encontro, a conquista e um beijo.

Nele identificamos a literatura visual, visto que a poetisa surda, em frente à câmera, veste-se das personagens, atua como atriz centralizada no material e compõe o projeto editorial híbrido e multissemiótico (fundo de tijolinhos à vista de cor bege), tendo como suporte material o vídeo. Dessa forma, a poetisa encena a história por meio da sinalização em Libras, da corporificação de elementos imagéticos e atuação performática com efeito estético singelo, mas nada simplificado.

Nesta tradução, já no início do poema, o rosto da autora identifica uma primeira personagem (eu), enquanto a mão esquerda suspensa representa uma segunda personagem (o outro). Os dois, nesse momento, encontram-se. Então, simultaneamente, expressados pelo movimento da mão esquerda e das expressões faciais, extraímos os dois personagens (Figura 1).

Figura 1 - Personagens da poesia



Fonte: YouTube (2015).

A tentativa de utilizar a rima como elemento de leveza no poema, o jogo de palavras e a escolha do léxico em português foram também pensados para a compreensão do público-alvo. A ideia inicial seria de que o poema traduzido assumisse um caráter de soneto, com quatro estrofes, sendo dois quartetos e dois tercetos. Entretanto, optou-se por manter o poema final em uma estrutura de estrofes livres, onde os versos não seguem medidas pré-estabelecidas, a

fim de permitir uma maior aproximação entre o ritmo do poema original com o poema final.

O poema original faz parte do acervo público registrado em vídeo, com duração total de 1m18s. Ele possui uma estrutura rítmica bem marcada, presença de pausas, uso constante de classificadores e de outros elementos próprios da poesia sinalizada que foram levados em conta nesta pesquisa.

Esses foram alguns exemplos das escolhas e percepções durante a tradução do poema e, dessa forma, faz-se necessário apresentar o poema final:

Quadro 1 - Tradução do poema

<p>"Amor à primeira vista..." Ananda Elias</p>	<p>"Amor à primeira vista...", de Ananda Elias Tradução: Marília Duarte da Silva</p>
<p></p> <p>Disponível em: https://youtu.be/QKl6Kz0JLmY</p> 	<p><i>Eis que olhares se encontram e no susto se desencontram Na tenra idade o olhar ainda envergonhado diante do amor, se esquia do olhar assanhado</i></p> <p><i>Ele apressado em se tornar inteiro e ela desinteressada em ser só mais um meio Ele fugaz em fitar o que está de sua face diante</i></p> <p><i>Ela obstante em se sentir errante</i></p> <p><i>Insistente o amor se engraça e o olhar tímido escondido acha graça Enquanto o amor se entristece o olhar tímido se aquece</i></p> <p><i>Uma chance, o amor recebe e mais que depressa ele se percebe Volta-se para o que está diante O beijo acontece num instante</i></p> <p><i>O olhar passa a ser amor e o amor transborda nele mesmo sem se opor ativista, eis que temos o amor à primeira vista.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Conclusão

Devido às circunstâncias históricas e tecnológicas do Brasil, o comum é a comunidade surda ter acesso a obras traduzidas ou adaptadas do Português para a Libras. Entretanto, a produção de literatura surda sempre existiu entre seus pares, mas muitas vezes esteve invisibilizada pela maioria da sociedade. Atualmente, com o auxílio da tecnologia e as conquistas de direitos linguísticos, as produções de narrativas e poesias por autores surdos são registradas por meio de vídeo e começam a ser difundidas e a circular em diversos espaços.

Assim sendo, neste trabalho consideramos relevante a perspectiva tradutória pelo sentido do texto, levando em consideração o gênero e o efeito que se quer transmitir para o público ouvinte que não compreende a língua de sinais. Por meio da tradução comentada, apresentamos a capacidade criativa do

tradutor na produção de uma poesia na língua portuguesa com a mesma intenção do texto em língua de sinais.

Concluimos que a presença do uso de classificadores na poesia original trouxe desafios para representar em palavras o sentido que a poesia visual em Libras quer transmitir. Contudo, poesias para crianças e para adultos são produzidas pela comunidade surda diariamente. Acredita-se que a tradução desses materiais possa auxiliar cada vez mais na visibilidade poética da Libras e permitir que a comunidade ouvinte também tenha oportunidade de acessar a literatura surda e compreender a cultura surda.

Referências

MACHADO, F. de A. *Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Tradução comentada: janela de libras em filme publicitário. *In: Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, 6, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.1-17, 2016. Anais [...], Florianópolis, UFSC, 2016.*

SCHEMBRI, Adam. Rethinking 'Classifiers' in Signed Languages. *In: EMMOREY, Karen (ed.). Perspectives on classifier constructions in sign languages. London: Publishers LEA, 2003. p. 3-34.*

SUTTON-SPENCE, RACHEL L. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue? *Educar em Revista (online), Curitiba, v. 43, p. 111-127, 2014.*

SUTTON-SPENCE, Rachel; MACHADO, Fernanda de Araujo. Considerações sobre a criação de antologias de poemas em línguas de sinais. *In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Müller de (orgs.). Estudos da língua brasileira de sinais. v. 4. Florianópolis: Insular; PGL/UFSC, 2018. p. 187- 210.*

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DA POESIA "INTERNATIONAL WOMEN DAY" DE ANGELA EIKO OKUMURA¹

Larissa Fernandes Dias²



<https://youtu.be/UDVOteGMXE>

Palavras-chave: Poesia. Tradução. Libras.

¹ Trabalho orientado pela professora Neiva de Aquino Albres, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET.

² Graduada em Letras Libras - Bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: diaslarissa67@gmail.com.

Introdução

Este trabalho aborda uma tradução comentada para o português do poema "*International Women Day*" de Angela Okumura, disponível na plataforma *Instagram*, no perfil "4sentidosmidia". A pesquisa foi desenvolvida durante a disciplina de "Literatura Surda I", ministrada pela professora Neiva de Aquino Albres, que teve como objetivo incentivar os alunos a praticarem tradução e a elaborarem para divulgação e apresentação. Para isso, foi necessário o auxílio de exemplos de traduções, materiais para leitura, discussões em grupo e até mesmo diálogos para sanar dúvidas específicas com a professora.

A tradução de poesias é um campo recente e que possui complexidade tradutória, pois existem termos linguísticos específicos que requerem um conhecimento aprofundado de língua, cultura e

literatura para que a mensagem seja entregue causando o mesmo sentido na tradução.

Para isso, é necessário que o tradutor comece os primeiros passos realizando estudos das línguas para elaborar uma primeira proposta de tradução do seu texto. Seguindo os estudos e reflexões, identificou-se necessário realizar a leitura e discussão da Teoria Funcionalista de Christiane Nord, pois ela aponta a importância de manter o sentido do texto fonte e causar o mesmo impacto no texto alvo.

Durante a realização da tradução ficaram evidentes as diversas dificuldades que permearam a pesquisa. Primeiramente o fato de que ser uma tradutora aprendiz e lidar com todos os conhecimentos, dificuldades e estratégias de uma tradução exige esforço e dedicação. Também houve momentos de insegurança com algumas escolhas tradutórias que poderiam ser representadas de outra maneira. Porém, acreditamos que, com o tempo, a

realização de práticas de trabalho e o incentivo do corpo docente, esse sentimento tende a não se manifestar mais.

Ao longo do estudo foram apresentadas a justificativa de escolha do texto fonte, as reflexões teóricas conforme os autores discutem, o processo metodológico utilizado para realizar a tradução comentada, uma breve análise dos termos escolhidos e, por fim, os possíveis resultados e conclusões obtidas na pesquisa.

O Funcionalismo e as competências na tradução

De acordo com Zipser e Polchlopek (2009), na década de 1960 a tradução enfrentava a problematização das questões de ser fiel *versus* ser livre e de acompanhar a palavra *versus* a forma do texto. Como resposta a essas dúvidas, o Funcionalismo surge na Alemanha nos anos 1970,

com o objetivo de que a tradução leve em consideração a função comunicativa do texto e que seja compreensível para o leitor. Seguindo o pensamento das autoras referenciadas, sabe-se que, conforme a literatura atual, ao iniciar uma tradução é preciso analisar a função do texto fonte como forma de manter a mesma mensagem do texto original, levando em conta principalmente o público-alvo a ser atingido.

De acordo com Nord (2009), é preciso identificar a intenção do texto fonte através de sua leitura e estudo para decidir as possíveis funções e intensões semelhantes na tradução para o texto alvo. É necessário que o tradutor estude o texto, retirando as informações que o autor está expondo, para que na tradução elas fiquem perceptíveis para o leitor. Seguindo a reflexão de Nord (2009) sobre as intensões do texto base:



[...] estamos interessados principalmente na intenção que o autor está tentando realizar através do texto. É essa intenção que determina as estratégias de produção textual (tais como a elaboração do assunto, a escolha de recursos estilísticos ou dos elementos não verbais etc.) e, sendo assim, exerce uma forte influência na função do texto. (NORD, 2009, p. 40).

Algumas competências são fundamentais para a atuação profissional do tradutor. Pereira e Fronza (2010) discutem em sua pesquisa as competências de Canale (1983), que são a competência gramatical, discursiva, estratégica e sociolinguística, explicando a importância da compreensão de produções em diversas áreas, e sendo observando o público-alvo.

Gonçalves e Machado (2003) expressam que as competências precisam ser tanto na língua materna como na língua estrangeira, sendo relacionadas ao alto nível de língua devido à necessidade de intercalar entre elas, identificando a variação a todo

momento. Essas discussões podem estar relacionadas com a explicação de Nord (2009) sobre a competência do tradutor:



A recepção de um texto é determinada pelas competências do receptor. O tradutor-como-receptor (idealmente) é bicultural, o que significa que tem um domínio perfeito tanto da cultura fonte quanto da cultura alvo (incluindo as línguas), e possui uma competência de transferência que inclui habilidades de recepção e produção do texto, a utilização de ferramentas de tradução e capacidade de “sincronizar” a recepção do TF e a produção do TA. (NORD, 2009, p. 32)

Portanto, é necessário que o tradutor conheça suas competências antes de iniciar o trabalho e o processo tradutório, realizando leitura das teorias essenciais para justificar possíveis reflexões. Logo, este profissional precisa, dentre outras ações, verificar

todas as informações necessárias e importantes contidas no texto fonte para que elas estejam presentes e precisas no texto alvo.

Metodologia

Para a realização da tradução comentada é importante ressaltar os problemas enfrentados, as possíveis soluções e justificativas das escolhas tradutórias e os comentários dos trechos traduzidos. A discussão iniciou-se primeiramente no estudo do vídeo, que foi assistido diversas vezes como forma de identificar o conteúdo e as mensagens que o autor do texto fonte quis apresentar ao seu público.

O vídeo é apresentado no formato de poesia em Libras. Logo, foi necessário estudar o gênero poesia e assistir (ler) outros vídeos de poesias para compreender como é sinalizado esse gênero textual nessa mídia. Após compreender como é estruturada uma poesia em Libras, passou-se a estudar a poesia

no português, principalmente aquelas sobre direitos e conquistas das mulheres.


Portanto, para realizar a tradução assistiu-se ao vídeo e, conforme a compreensão, iniciou-se uma estrutura correspondente à poesia em português com estrofes, rimas e sentido implícito. O poema não será apresentado em Libras no formato de glosas, pois cada falante compreende e utiliza uma sinalização própria. Dessa maneira, serão apontados os segundos em que cada estrofe foi estruturada para que o leitor assista ao vídeo e acompanhe em português. O vídeo está disponível no Instagram do *4sentidosmidia*³

³ Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/BuvY17NlDdC/?igshid=1qf0lcydwte44>.

Análise

Apresentamos a seguir a tradução desenvolvida seguida dos comentários sobre o processo de tradução:

Quadro 1 - Tradução da primeira estrofe


POESIA EM LIBRAS	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
<p data-bbox="271 774 600 847">Primeira Estrofe Do segundo 01 até 08</p> 	<p data-bbox="653 812 1119 1038">Em épocas remotas, Nossa felicidade é inexistente Representadas como máquinas de produção Vivendo sem um sorriso aparente</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No vídeo, o conteúdo sinalizado pela autora mostra diversas personagens trabalhando, com a imagem em preto e branco, o que foi interpretado como algo que remete a uma época antiga.

Nessa estrofe quis identificar que as mulheres trabalhavam demais em funções operárias e sentiam-se infelizes por estarem sujeitas àquela jornada de trabalho. Não se optou por traduzir cada função exposta pela autora, mas por mostrar o sentimento de insatisfação e de trabalho excessivo que ocorria na época.

Quadro 2 - Tradução da segunda estrofe


POESIA EM LIBRAS	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
<p data-bbox="271 921 605 991">Segunda Estrofe Do segundo 08 até 18</p> 	<p data-bbox="657 956 1108 1216">Os olhares silenciosos mudam a rotina O fogo incendeia, Desespero que nos consome vivas Fazendo 125 vezes perderem vidas</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A primeira frase da estrofe foi escolhida porque na sinalização da autora todas param de trabalhar e

se olham, como se um silêncio predominasse no ambiente. Em seguida, a autora mostra o um incêndio no local e a aflição das mulheres. No momento em que foi sinalizado “1-2-5”, pesquisou-se quantas mulheres morreram na época em que ocorreu o acidente que marca o Dia da Mulher para representar essa marca na tradução.

Quadro 3 - Tradução da terceira estrofe


POESIA EM LIBRAS	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
<p data-bbox="257 911 614 986">Terceira Estrofe Do segundo 18 até o 36</p> 	<p data-bbox="651 986 1122 1177">Guerras tomam o controle Explosões destroem nações E nós continuamos trabalhando Porém, estamos fartas dessas obrigações</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na sinalização da autora é possível perceber classificadores indicando um fato histórico,

interpretado como guerras e, no mesmo momento, o início de outras funções em que as mulheres trabalhavam. No final, quando ela mostra o sinal identificado aqui como “ENGRENAGEM”, optou-se em representar a indignação das mulheres no trabalho, seu sofrimento e o começo dos manifestos por direitos e liberdade.

Quadro 4 - Tradução da quarta estrofe


POESIA EM LIBRAS	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
<p data-bbox="257 921 614 991">Quarta Estrofe Do segundo 36 até o 44</p> 	<p data-bbox="653 956 1061 1182">Uma se levanta, instigando todas De repente, somos nós que marchamos A luta está em nossas mãos Movimentando o mundo</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No momento em que a autora sinaliza o sinal compreendido como “MANIFESTAÇÃO”, ficou

perceptível que iniciaram as lutas e manifestações das mulheres pelo mundo. Quando foram representadas pessoas marchando, identificou-se na tradução que todas as mulheres estão juntas para conquistarem seus direitos.

Quadro 5 - Tradução da quinta estrofe

POESIA EM LIBRAS	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
<p data-bbox="257 788 614 861">Quinta Estrofe Do segundo 44 até o 57</p> 	<p data-bbox="653 864 1126 1012">8 de março de 1975 Ganhamos nosso dia, 8 de março de 2019 Marchamos em direção à vitória</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Quando a autora sinalizou o sinal identificado como “ASSINAR”, com o auxílio da legenda indicando a data que foi declarado o Dia da Mulher, optamos em apresentar na tradução essa data, mostrando seu

reconhecimento. Conforme o andamento do vídeo, percebe-se que as mulheres estão felizes pela conquista do dia, mas, quando chegam nos dias atuais, percebem que precisam ganhar a luta. Portanto, na tradução manteve-se o objetivo: as mulheres estão em direção a uma outra conquista, o respeito.

Para essa atividade ficou evidente que ocorreram diversas dificuldades. Primeiramente o fato de não acompanhar a produção poética em Libras, o que dificultou o processo tradutório. A questão da compreensão total do vídeo também mostrou-se difícil, pois em alguns momentos entendiam-se duas mensagens distintas, mas não se sabia qual delas apresentar na tradução, e foi sentido um certo desconforto e receio de traduzir algo que não estaria na poesia. Como forma de minimizar essa dificuldade realizou-se a leitura de poesias da área, com o intuito de solucionar as referidas dificuldades

tradutórias. Também houve a realização de uma segunda versão, que foi comparada com a primeira, e serviu para esclarecer as frases que haviam ficado semelhantes à estrutura de narrativa da poesia.

Considerações finais

É de extrema importância ressaltar que a tarefa de traduzir um texto de partida de gênero poético para um texto de chegada do mesmo gênero exige diversas competências do tradutor, dentre as quais destacam-se as discursivas, estratégicas e sociolinguísticas. O processo se dá desde a leitura do material original até a consulta a outros materiais já produzidos, utilizados como apoio profissional.

Apesar de ser a minha primeira tradução de poesia, me senti amparada no processo de orientação pela dinâmica pedagógica assumida na disciplina do curso de Bacharelado em Letras Libras, e por estudar os processos do projeto de tradução

para construção dos efeitos de sentido respeitando o gênero discursivo.

Referências

FREITAS, L. F.; TORRES, M. C.; COSTA, W. C. *Literatura Traduzida: tradução comentada e comentários de tradução*. Transletras: Fortaleza, 2017. 321 p.

GONÇALVES, J. L. V. R.; MACHADO, Ingrid Trioni Nunes. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 17, p. 45-69, 2006.

SANTIAGO, V. A. A. Tradução comentada: janela de libras em filme publicitário. Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, 6, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.1-17, 2016. *Anais [...]*. UFSC, Florianópolis, p. 1-17, 2016.

ZIPSER, M. E.; POLCHLOPEK, S. A. *Introdução aos Estudos da Tradução*. Florianópolis: UFSC, 2009. 144 p. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BuvY17NIDdC/?igshid=1qf0lcydwte44>.

O GATO DE BOTAS: ESCOLHAS E ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO PARA LIBRAS¹

Talita Nascimento Teles de Freitas²



<https://youtu.be/ezNZ9zeEhSI>



Palavras-chave: Tradução. Literatura em Sinais. Libras.

¹ Trabalho orientado pela professora Neiva de Aquino Albres, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET.

² Discente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de graduação em Letras Libras. E-mail: talita.tf94@gmail.com.

Introdução

A tradução é uma tarefa repleta de obstáculos e desafios. Para que seja realizada com sucesso, é necessário que o tradutor tenha em sua bagagem não somente fluência de duas línguas (nesse caso, português brasileiro e Língua Brasileira de Sinais), o que vem acompanhado do entendimento de suas respectivas culturas, mas que saiba para quem e por que essa tradução está sendo feita. Possuindo tais conhecimentos, o tradutor irá então escolher estratégias e utilizar procedimentos que o auxiliarão no trabalho da tradução.

Neste trabalho, problematizamos a tradução realizada para a Libras do livro *O Gato de Botas*. Por ser uma tradução do português (língua vocal-auditiva) para Libras (língua gestual-visual), trata-se então de uma tradução intermodal, que traz consigo desafios diferentes dos que um tradutor enfrenta em

traduções entre línguas de uma mesma modalidade. O texto de partida está no papel, desconectado da imagem do autor, que não está aparente na obra. Já o texto traduzido, que foi registrado em formato de vídeo, não tem essa opção, pois sua produção está sempre atrelada à imagem de um indivíduo, que aqui se torna também autor e reproduzidor. Como o tradutor lida com essas disparidades? Para enfrentar esse desafio é necessário um tradutor (ou equipe de tradutores) com habilidades tradutórias, conhecimento e vivência nas duas línguas, como também sensível às necessidades do público-alvo, seja pela idade ou pela condição social e linguística.

A equipe de tradutores que realizou o trabalho a ser analisado aqui é composta por Rodrigo Geraldo Mendes (surdo) e Gildete da Silva Amorim (ouvinte). Que escolhas tradutórias foram feitas por eles? O produto final é satisfatório?

Referencial Teórico

As primeiras traduções de que se tem registro são os targumim em 300 a.C., sendo que desde então o campo dos Estudos da Tradução passou por muitas alterações, e existiram - como ainda existem - diversas visões sobre o que é e como deve ser realizada uma tradução perfeita. Muitos autores e pesquisadores desenvolveram ideias e técnicas na área, com alguns focando nos aspectos teóricos, enquanto outros buscam enriquecer a prática da tradução com estratégias tanto de formação como de prática. Dentro disso, foram desenvolvidos e categorizados diversos procedimentos técnicos de estratégias tradutórias, sendo que os teóricos da área divergem sobre a quantidade e suas classificações. Este trabalho usa como base o estudo realizado em *Teorizando e contextualizando a tradução* (VIEIRA, 1996), e as 13 categorias descritas em *Procedimentos*

técnicos da tradução: Uma nova proposta (BARBOSA, 1990). As categorias que serão discutidas a seguir são: i) **modulação**: mudança da forma como uma mesma informação é transmitida, que ocorre devido às diferenças culturais que afetam a língua; ii) **equivalência**: substituição de um termo por outro similar, mas não igual, com foco no sentido; iii) **omissão vs explicitação**: a omissão ocorre quando alguma informação não é necessária na língua-alvo; a explicitação é aplicada quando a língua-alvo precisa de algum elemento que não está presente na língua fonte; e a iv) **reconstrução de períodos**: mudança da estrutura e/ou reorganização dos períodos de uma frase.

Analisamos a tradução com um olhar que se baseia na abordagem descritiva dos Estudos da Tradução.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada no método de estudo de caso, focando no processo de tradução de português brasileiro para Libras do livro infantil *O Gato de Botas*, de Charles Perrault, que foi realizada pelos tradutores Rodrigo Geraldo Mendes e Gildete da Silva Amorim e publicada pela editora Arara Azul.



Foram selecionados dois trechos do livro e, através da comparação de recortes da produção em Libras e do texto em português, foram analisadas as escolhas tradutórias, quais procedimentos técnicos

foram utilizados, como foram aplicados e que efeitos construíram no produto final.

Análise

Com base na análise de trechos selecionados, pudemos observar e discutir o emprego de alguns procedimentos pelos tradutores, como a reconstrução de períodos, omissão versus explicitação, entre outros, e teorizar porque foram utilizados. Apresentamos a seguir os trechos selecionados para a análise, sendo inicialmente o texto em português e logo em seguida os *frames* da expressão em sinais:

Figura 1 – Página 3



Fonte: Perrault (2011) Imagem disponível no CD-ROM.

Texto em português: "E o que devo fazer?", perguntou o jovem. A frase está na página 3, e é direcionada ao Gato de Botas, após ele dizer ao jovem que tem um plano para torná-lo rico, nobre e feliz.

Figura 2: Tradução para Libras



Fonte: Perrault (2011)

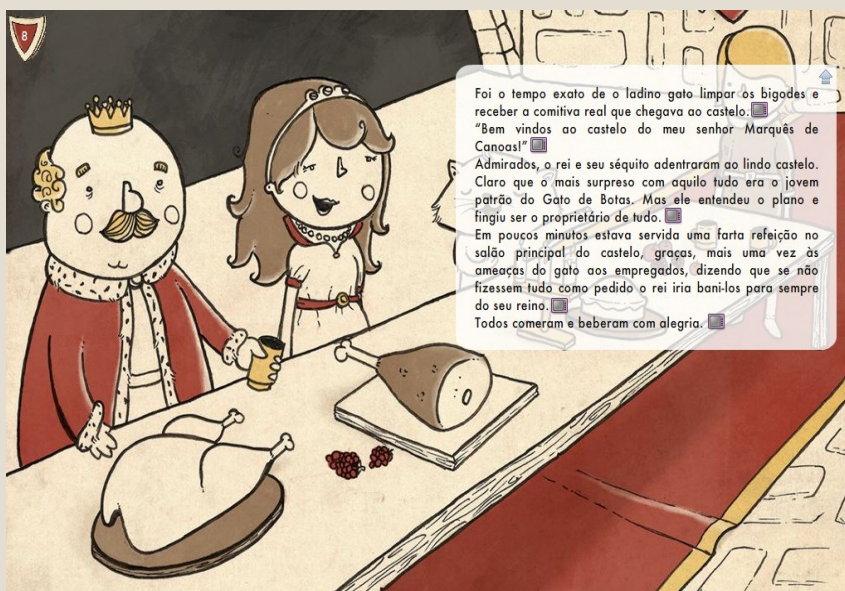
É possível observar nas imagens que a ordem da frase foi invertida por meio de **reconstrução de período** para **HOMEM-JOVEM-PERGUNTAR-PRECISAR-FAZER-QUE**. Esse procedimento é empregado aqui pois, considerando o aspecto visual da língua de sinais, é necessário que primeiro seja

mostrado quem está realizando a pergunta, e só então a pergunta pode ser realizada. Também é importante falar sobre a direcionalidade que alguns sinais têm em Libras, como no caso do verbo perguntar (o movimento começa junto ao corpo de quem realiza a pergunta e vai em direção a quem a pergunta é feita), que é outro motivo para que o personagem esteja estabelecido antes da pergunta ser realizada, em uma escolha que garante a clareza da informação que o público recebe e, conseqüentemente, o entendimento da história.

Dentro desse trecho ocorrem também outros procedimentos. A **explicitação** é usada na tradução de "o jovem" para HOMEM-JOVEM, já que a Libras não tem marcação de gênero implícita nos sinais. A tradução de "devo" para PRECISAR segue o procedimento de **equivalência**, pois as duas palavras, nesse contexto, carregam o mesmo sentido. Por último, o "E o [...]" do início da frase em português é

desnecessário na produção em Libras, portanto sofre omissão.

Figura 3: Página 8

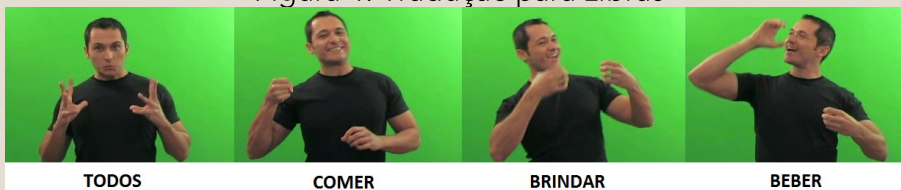


Fonte: Perrault (2011), imagem disponível no CD-ROM.

O outro trecho analisado é o último do livro, na página 8. Ele conclui a história e reforça o sentimento de felicidade dos personagens.

Texto em português: Todos comeram e beberam com alegria.

Figura 4: Tradução para Libras



Fonte: Perrault (2011)

Mais uma vez vários procedimentos técnicos foram aplicados na frase. Primeiro, é necessário discutir a expressão facial do tradutor. Em línguas de sinais a expressão facial é tão importante quanto os sinais usados, pois ela não só complementa o que está sendo sinalizado como também contribui para o entendimento do contexto. Por isso o tradutor tem, durante toda a frase, a aparência de extrema felicidade. Seria estranho sinalizar ao final na frase em Libras "COM ALEGRIA" em vez de adicionar isso em sua produção.

O tradutor, ao optar pelo procedimento de **modulação**, torna a tradução muito mais natural e a emoção dos personagens fica evidente e natural. Os verbos na frase variam dependendo do seu contexto, pois são verbos classificadores. Como esse tipo de estrutura não existe da mesma forma no português, na tradução, pelo procedimento de **explicitação**, o verbo recebe informações adicionais. O sinal COMER, por exemplo, é representado por uma mão que parece segurar um osso e o tradutor fingindo morder algo. Podemos observar na ilustração da página 8 que tipo de comida os personagens estão comendo, e é muito provável que os tradutores tenham usado a imagem como inspiração. Portanto, o verbo COMER é sinalizado de forma que combine com o contexto dado, como se o tradutor tenha pegado o pedaço de carne que está desenhado, tornando a ilustração viva.

A palavra BRINDAR não está presente na frase original, mas contribui para a ênfase da felicidade do momento. Já a palavra BEBER é traduzida pelo classificador de copo e o movimento do copo até a boca. Todas essas mudanças são feitas devido à natureza visual da Libras e do hábito de descrever ações com riqueza de detalhes.

Conclusão

Neste trabalho pudemos observar como as escolhas tradutórias foram aplicadas e como afetam o produto (material final). Todo texto a ser traduzido é passível de escolhas, e essas são entendidas como uma tarefa do tradutor, devendo ser conscientes e embasadas. Os Estudos da Tradução, como área científica, fundamentam-se como subsídio para os profissionais da área, inclusive para os que trabalham

com a tradução para a Libras, como no caso do livro infantil *O Gato de Botas*.

Segundo Segala, Quadros e Segala, "Para realizar a tradução intermodal, (...), a partir do português escrito, como língua-fonte, para Libras, língua-alvo, é necessário ter o perfil de um tradutor, usuário de Libras e Língua Portuguesa." (2015, p. 17). A partir da análise dos procedimentos técnicos, podemos afirmar que a equipe de tradutores tem essas habilidades, pois fizeram escolhas que garantem a eficácia da tradução, e os procedimentos utilizados durante o processo tradutório beneficiam o produto final e facilitam a compreensão pelo público-alvo.

Referências

ALBRES, N. de A.; SANTIAGO, V. de A. (orgs.). *Libras em estudos: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 35-55.

BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.

CAMARGO, A. C. S. *et al.* Tradução interlingual: análise dos procedimentos técnicos de tradução de língua portuguesa para libras do CD-ROM as aventuras de Pinóquio. *In: Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais, 2*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. *Anais [...]*. Florianópolis, UFSC, 2010.

PERRAULT, Charles. *O Gato de Botas*. Tradução: Clélia Regina Ramos, Gildete da Silva Amorim e Rodrigo Geraldo Mendes. 1ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de; SEGALA, Rimar Romano. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a Libras oral. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 354-386, out. 2015.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires (org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

ZIPSER, Meta Elisabeth. POLCHLOPEK. Silvana Ayub. *Introdução aos Estudos da Tradução: teorias, histórias e prática: 2º período*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE TRADUÇÃO INGLÊS-PORTUGUÊS-LIBRAS NA CONSTRUÇÃO DO DICIONÁRIO *SPREAD THE SIGN*

Vitória Tassara Costa Silva¹
Aline de Castro e Kaster²



<https://youtu.be/YzLn-Pce0GE6XU>

Palavras-chave: *Spread the Sign*. Estudos Descritivos da Tradução. Tradução Cultural.

¹ Formada em Letras - Bacharelado em Tradução Inglês/Português pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mestre em Estudos da Tradução pelo programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: vitoriatassara26@gmail.com.

² Formada em Letras Libras - Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atualmente é docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) na área de Libras do CLC (Centro de Letras e Comunicação). E-mail: alinelibras@gmail.com.

Introdução

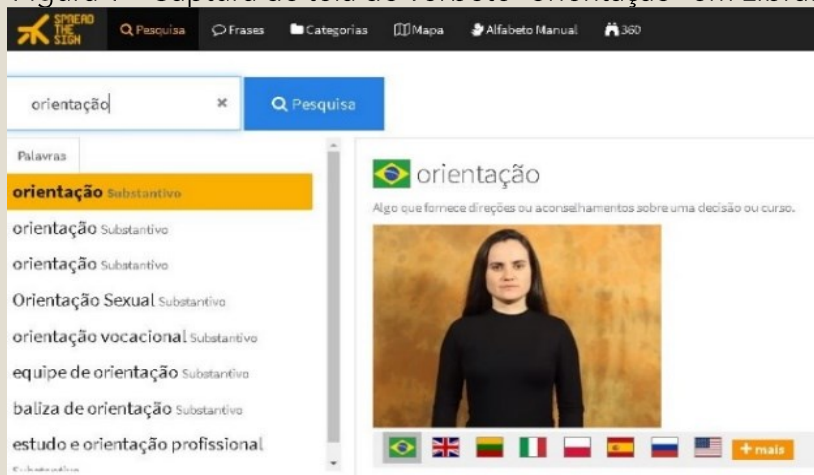
Sabemos que, com o advento da tecnologia, barreiras linguísticas podem ser atenuadas, assim como há o favorecimento do aprendizado de línguas. No caso das línguas de sinais, dentre as contribuições das inúmeras ferramentas tecnológicas aliadas ao seu ensino, destacamos neste trabalho a plataforma online *Spread the Sign* (STS). Trata-se de um dicionário online internacional de línguas de sinais no qual os usuários podem ter acesso aos sinais de várias línguas de sinais ao redor do mundo, inclusive a *International Signs* (IS). O acesso à plataforma é gratuito³, bastando apenas ter acesso à internet. Ela está disponível também na forma de aplicativo para *smartphones*.

Por exemplo, caso um usuário queira saber o sinal para “orientação” na língua de sinais brasileira,

³ Endereço da plataforma online em português do Brasil: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>.

precisa apenas digitar a palavra e clicar na bandeira do país correspondente (no caso o Brasil), como mostrado na imagem abaixo. Aparecerá uma definição da palavra inserida, e um ator/atriz surdo/surda realizando a sinalização correspondente.

Figura 1 - Captura de tela do verbete “orientação” em Libras



Fonte: *Spread the Sign* (2019).

A matriz do STS se localiza na Suécia, de modo que toda a administração e controle de qualidade das traduções inseridas no *website* partem de lá. Assim, cada país cadastrado no STS (contando com

universidades, organizações, associações de surdos, etc.) é responsável pela tradução dos verbetes enviados pela matriz sueca (em inglês na modalidade escrita), e pela atualização da plataforma com os sinais em suas respectivas línguas de sinais. No Brasil, quatro universidades federais são responsáveis pela tradução e inserção dos sinais em Libras: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Universidade de Brasília (UnB).

O processo de *upload* de um verbete em Libras no STS ocorre da seguinte forma: a matriz sueca envia uma lista de verbetes em inglês, divididos por eixos temáticos (por exemplo, cores, sentimentos, frases), para as universidades cadastradas. Um grupo composto por professores, graduandos, pós-graduandos e intérpretes (surdos e ouvintes) tem a tarefa de traduzir a lista do inglês para o português e,

então, do português para Libras, em reuniões que ocorrem semanalmente. Importante ressaltar que nessas reuniões é imprescindível a presença de pelo menos dois surdos, visto que a tradução para a Libras precisa ser feita na versão mais comumente utilizada pela comunidade surda.

Tendo isso em mente, percebemos muitos desafios que perpassam esse processo tradutório. Assim, neste trabalho, temos o objetivo de descrever e refletir sobre os procedimentos metodológicos da tradução do inglês/português e português/Libras realizados pelo grupo da UFPel, também com a pretensão de contribuir com novos grupos que venham a trabalhar nesse tipo de tradução. Na UFPel, as traduções ocorrem no âmbito de Projeto de Pesquisa intitulado "*Spread the Sign* - a Internacionalização da Libras", que conta com aproximadamente dez integrantes entre as categorias mencionadas anteriormente.

De modo a cumprir nosso objetivo, propomos uma reflexão teórica, assim como a realização de uma “tradução comentada”, que conta com a exibição do produto da tradução de alguns verbetes desde o inglês, passando para o português, e finalmente para Libras. Partiremos, então, para os comentários acerca das escolhas tradutórias e das estratégias utilizadas. Maiores explicações sobre a realização metodológica dessa investigação serão dadas na seção de Metodologia.

Metodologia

O processo de tradução dos verbetes que irão compor a plataforma do STS em Libras acontece da seguinte forma: i) a matriz sueca envia a lista de verbetes em inglês, dividida por eixos temáticos, para as quatro IES brasileiras cadastradas; ii) as universidades organizam-se na divisão das traduções;

iii) a primeira tradução é feita do inglês para o português; iv) é realizada a tradução do português para Libras; v) revisão das traduções, sempre com a presença de no mínimo dois integrantes surdos; vi) gravação dos sinais em Libras; vii) edição dos vídeos; viii) envio para a matriz na Suécia para aprovação; e ix) *upload* dos sinais na plataforma do *Spread the Sign*.

Como já reiterado em nossos objetivos, pretendemos com este trabalho, a partir desse contexto tradutório, descrever, expor, detalhar e apresentar as características metodológicas e estratégias de tradução. Dessa forma, nosso trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, que analisará apenas o produto final das traduções, tentando traçar paralelos entre a organização metodológica do grupo de trabalho e as estratégias utilizadas pelos tradutores.

Utilizamos como fonte de pesquisa dois eixos diferentes: uma análise descritiva das traduções de alguns verbetes, escolhidos de forma aleatória dentre o grupo de verbetes mais recentemente traduzidos pelos tradutores da UFPel (que é a lista dos “materiais da escola”), e um levantamento bibliográfico da literatura que versa sobre os Estudos Descritivos da Tradução, tradução culturalmente marcada e tradução intermodal. Propomos então, a partir da análise do produto das traduções, o cruzamento das estratégias utilizadas pelos tradutores com o conteúdo presente na literatura. Explicita-se, dessa forma, que fontes de pesquisa secundárias serão utilizadas neste trabalho.

Sistematizamos os dados da seguinte forma: a partir das tabelas cedidas pelo grupo de tradutores da UFPel que atuam no âmbito do STS, realizamos a seguinte organização:

Quadro 1 - Organização da análise

Verbetes em inglês	Descrição	Tradução português	Glosa em Libras	Comentário/estratégia/consideração
--------------------	-----------	--------------------	-----------------	------------------------------------

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Como já mencionado, os verbetes escolhidos para este trabalho são um recorte da lista dos “verbos”, e assim apresentamos uma “tradução comentada” da tradução desses verbetes. Trouxemos considerações e hipóteses sobre as estratégias possivelmente utilizadas pelos tradutores, além do cruzamento com a literatura que trata sobre descrição de traduções e tradução cultural. Na seção “resultados e discussão”, apresentamos um recorte dos verbetes analisados e algumas considerações. A seguir partiremos para os conceitos essenciais nas reflexões, considerações e hipóteses levantadas em nosso trabalho.

Referencial teórico

Nosso referencial teórico baseia-se primordialmente nos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), que servirão como suporte para reflexões acerca dos procedimentos tradutórios realizados pelo grupo da UFPel no âmbito do STS - Brasil. Entre os conceitos-chave que os EDT (TOURY, 1991 e 1995) introduzem nos Estudos da Tradução, e que dizem respeito aos processos ativados em traduções tão específicas como do inglês para Libras, podemos citar a noção de equivalência e o conceito de deslocamentos tradutórios.

A equivalência para a perspectiva descritivista tem a ver com a aceitação e circulação da tradução na cultura-alvo. Dessa forma, Toury introduz os deslocamentos tradutórios, que são as mudanças que ocorrem em um texto qualquer em decorrência de sua tradução. Ou seja, estima-se o alcance de

traduções aceitáveis na cultura-alvo. Assim, “Gideon Toury propõe que a equivalência é uma característica de todas as traduções, simplesmente porque eram vistas como sendo traduções, pouco importando sua qualidade estética ou linguística” (PYM, 2010 apud TOURY, 1995, p. 63-70).

Aplicando essa perspectiva nas traduções realizadas no âmbito do STS - Brasil, podemos refletir sobre as traduções para Libras que sejam de circulação na língua e, por conseguinte, na comunidade surda. Podemos justificar com esse argumento a importância da presença de surdos, membros da comunidade surda, no momento das traduções para Libras.

Sabendo da complexidade que um processo de tradução envolve, torna-se ainda mais específico o procedimento entre inglês/português/Libras. Os verbetes enviados em inglês e que, após traduzidos, se tornarão os sinais em Libras, são, como toda e

qualquer tradução, carregados de informações extratextuais que fazem alusão a itens culturais, entre outros aspectos de língua e cultura.

É sabido que os tradutores necessitam realizar uma adaptação cultural, visto que muitos verbetes enviados em inglês apresentam traços específicos das práticas culturais de países europeus. Dessa forma, a adaptação entra em cena e os tradutores precisam tomar decisões que viabilizem a tradução de tais verbetes.

Como explicado por Chesterman (1997), há uma série de estratégias tradutórias de que podemos nos valer para realizar uma tradução. Uma delas é a adaptação conforme a perspectiva descritivista, que torna o texto-alvo acessível e inteligível para a cultura de chegada. No caso das traduções analisadas neste trabalho, a cultura de chegada é a comunidade surda usuária da Libras (assim como aprendizes da mesma), o que nos leva a refletir sobre a tradução

culturalmente marcada, assim como sobre o processo de adaptação entre os verbetes em inglês para os verbetes em Libras.

Com base nesse recorte da literatura, esperamos nos embasar teoricamente para prosseguir com as reflexões acerca do processo metodológico das traduções inglês/português/Libras na constituição do *Spread the Sign* - Brasil. Apresentaremos a seguir alguns apontamentos mais concretos sobre as reflexões e análises propostas neste trabalho.

Análise

Discutimos aqui a tradução de três verbetes da lista relacionada à “escola”, realizada pelo grupo de tradutores da UFPel. Em conformidade com a organização proposta na Metodologia, segue-se:

Quadro 2 - Organização das análises dos verbetes

Verbetes em inglês	Descrição	Tradução português	Glosa em Libras	Comentário/ estratégia/ consideração
School nurse	A nurse assigned to work in a school	Enfermeira da escola	ENFERMEIRA ESCOLA	Tradução mais literal. Conceito presente na realidade brasileira. Atenção para a variação do sinal "enfermeira".
School play	A play or musical performed by students at a school	Peça escolar	TEATRO ESCOLA	Conceito bastante estrangeirizado. Pouco presente na realidade escolar brasileira. Porém tradução plenamente realizável.

Fonte: *Spread the Sign*, tradutores do grupo UFPel e as autoras (2019).

Vemos, a partir do quadro 2, que um dos verbetes possuía uma carga estrangeira muito forte. *School play* (peça escolar) é, por exemplo, algo presente nas escolas norte-americanas, não sendo usual na realidade escolar do Brasil. Assim, podemos

levantar a hipótese de que esse verbete apresentou uma dificuldade extra no processo tradutório, por se tratar de um conceito pouco usual em nossa realidade. Entretanto, foi realizada uma tradução literal, que manteve a estrangeirização do termo, tanto para português quanto para Libras. Afinal, utilizando-se os sinais “teatro escola”, o link na comunicação é mantido por falantes de Libras, o que aparentemente foi a intenção dos tradutores.

Com o verbete “enfermeira da escola”, vemos também uma projeção mais norte-americana ou europeia, porém não tanto como o outro verbete discutido acima. A tradução para português seguiu uma perspectiva literal, e a tradução para Libras preocupou-se com o registro de três variações do sinal de enfermeira. Assim, os tradutores preocuparam-se com o registro dessas variações, e podemos levantar a hipótese de que assim eles contribuem para um conhecimento ampliado da

Libras e de seu registro. Essa preocupação é evidenciada por Berman (2009), quando o autor comenta sobre a “tradição da tradução”:



Toda a reflexão sobre a tradução tem com a tradição-da-tradução particular a que pertence, mesmo se sua ambição é a de constituir um discurso “universal”. A maneira como aparece a problemática da tradução não é a mesma na tradição francesa que na tradição alemã, anglo-saxônica, russa, espanhola, ou - a fortiori - do extremo oriente. Não é a mesma em um “pequeno país” cuja língua é unicamente nacional e em um grande país cuja língua é transnacional e cujo espaço é, ele mesmo, frequentemente multilíngue (BERMAN, 2009, p. 351).

Finalizamos essa seção afirmando que outros verbetes serão posteriormente analisados, assim como aprofundaremos as discussões e as análises. Seguimos agora para as conclusões.

Conclusão

Esperamos, com essas reflexões e com este trabalho como um todo, contribuir com a grande área de tradução entre línguas de diferentes modalidades e que perpassam três diferentes culturas (inglês-português-Libras), assim como fomentar a visibilidade de pesquisas que tratem da tradução de/para/entre línguas de sinais.

É interessante refletir acerca das impressões que os tradutores têm de suas escolhas tradutórias, assim como atentar para os desafios relatados pelo grupo de tradutores da UFPel que atuam no âmbito do *Spread the Sign* - Brasil. Assim, além de realizarmos uma contribuição a curto prazo para com esses tradutores, de modo a também os instigar a refletir sobre suas práticas, visamos contribuir com a maior visibilidade e internacionalização das línguas de sinais, sobretudo da Libras.

Com relação aos desdobramentos que este trabalho pode apresentar, tanto nas discussões acadêmicas quanto no âmbito profissional de tradução de/para/entre língua de sinais, é possível vislumbrar no futuro uma pesquisa de recepção com aprendizes de línguas de sinais, ou até mesmo surdos brasileiros que estejam vivendo em outro país (que poderiam utilizar o STS para aprendizado e prática de outra língua de sinais), e realizar um levantamento da receptividade das traduções presentes no *website*. Vislumbra-se esse como um dos possíveis desdobramentos dessa temática em outros caminhos de pesquisa no futuro.

Referências

BERMAN, Antoine. A Tradução e seus Discursos. *Revista Alea*, v. 11, n. 2, p. 341-353, 2009.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: The spread of ideas in translation theory*.

Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

CHESTERMAN, Andrew. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. Tradução de Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D'Avila Braga Silva. *Belas Infiéis*, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014.

PYM, Anthony. Exploring Translations Theories. Tradução de Eduardo César Godarth, Yéo N'gana e Bernardo Sant'Anna. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 214-317, set. 2016.

TOURY, Gideon. Translation as Facts of a 'Target Culture': An Assumption and Its Methodological Implications. In: TOURY, Gideon. *Descriptive Translations Studies and Beyond*. Tel Aviv: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 23-31.

TOURY, Gideon. What are Descriptive Studies into Translation Likely to Yield apart from Isolated Descriptions? In: Leuven-Zwart & Naaijken. *Translation Studies*. Amsterdam: The State of the Art. Editions Rodopi, 1991. p. 179-192.

ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE PESQUISA E SUA TRADUÇÃO PARA LIBRAS¹

Silvio Tavares Ferreira²

Ana Paula Jung³



<https://youtu.be/M6uaEqfAVlg>



Palavras-chave: Entrevista. Tradução. Pesquisa.

¹ Trabalho orientado pela professora Neiva de Aquino Albres, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET.

² Mestre em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET na da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - PPGET. E-mail: silviot1990@gmail.com.

³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: jung.ana@gmail.com.

Introdução

Neste estudo são abordadas algumas das estratégias que podem ser adotadas por pesquisadores em Ciências Humanas e Sociais que trabalham com entrevista como procedimento de coleta de dados e cujo público alvo sejam sujeitos surdos falantes da Língua Brasileira de Sinais - Libras - na condição de primeira língua, para o qual serão disponibilizadas, em versão videogravada, as perguntas semiestruturadas que compõem uma pesquisa.

Delineamos como objetivo problematizar as possibilidades de elaboração de versão em Libras de perguntas de uma entrevista originalmente elaboradas em língua portuguesa escrita. Propomos uma nova versão em Libras a partir de formas de tradução videogravadas e considerando algumas

peculiaridades para sua aplicação com os participantes surdos da pesquisa.

Referencial teórico

A entrevista é uma interação social formal cujo objetivo é produzir informações essencialmente pelo uso da língua(gem). Dessa forma, a perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin (2010) nos serve de fundamento para o estudo da pesquisa feita com o emprego de entrevistas.

Os tipos de entrevistas, segundo Thompson (1992), costumam ser denominados na literatura por: entrevista não estruturada, entrevista estruturada e entrevista semi-estruturada.

Optamos, então, por realizar entrevistas com os participantes a partir de um questionário semiestruturado. Thompson (1992) indica que “as perguntas devem ser sempre tão simples e diretas

quanto possível, em linguagem comum". Segundo o autor, nunca se deve fazer perguntas complexas ou de duplo sentido. Também deve-se evitar induzir o entrevistado a uma resposta. Outro aspecto ressaltado por Thompson diz respeito ao fato de que o entrevistador deve evitar qualquer tipo de interrupção à narrativa que o entrevistado está produzindo no momento da entrevista.

Considerando a necessidade de minimizar qualquer tipo de interferência no momento de realização das entrevistas e buscando manter o necessário rigor com a forma ao efetivar as perguntas em Libras, optamos por realizar alguns experimentos de tradução e interpretação das perguntas de pesquisa, originalmente escritas em língua portuguesa.

Outro fator importante para Thompson (1992) é a escolha do local da realização da entrevista e de sua gravação. A entrevista como instrumento de

pesquisa, na perspectiva deste trabalho, não pode ser entendida como mero instrumento de captação de um dito, como simples ferramenta que permitiria o acesso a “verdades reveladas” pelo entrevistado. Nosso ponto de vista defende o sentido oposto ao que foi dito anteriormente, que se sustenta uma visão “asséptica” da entrevista, vista como instrumento (naturalizado) de coleta de saberes variados (ROCHA; DAHER; SANT’ANA; 2004).

Metodologia

O presente estudo se pauta em uma abordagem qualitativa de pesquisa, pois se preocupa com a compreensão de um fenômeno, explicando o porquê deste (MOTTA-ROTH, 2014). Considerando isso, cabe explicitar que neste estudo temos o objetivo de descrever, compreender e explicar as possibilidades do desenvolvimento de um procedimento de tradução de perguntas elaboradas

originalmente em português para a Libras, enfocando mais precisamente as escolhas tradutórias utilizadas no procedimento de adaptação do texto escrito para o texto videogravado.

Quanto à sua natureza, este é um estudo aplicado, pois objetiva gerar conhecimento sobre o procedimento de tradução. Esse conhecimento será aplicado em práticas de pesquisa de mestrado em desenvolvimento. Utilizamos a revisão de literatura para conceituar a entrevista e apresentar os modos de planejá-la e aplicá-la (MEIHY, 2005). Assim, a partir da tradução de um roteiro de entrevista semiestruturada em português, problematizamos os modos de enunciar as questões traduzidas e videogravadas em Libras, configurando-se, então, como um estudo de caso.







Para a realização deste estudo, desenvolvemos estudos interpretativos individuais do texto na língua de partida (português) e, a partir disso, produzimos

duas versões em língua de chegada (Libras), que servirão de base para a construção de uma versão final e definitiva a ser utilizada na realização de entrevistas com sujeitos surdos.









Análise

De modo geral, este trabalho refere-se à problematização da tradução de um questionário. Utilizamos as questões desenvolvidas para a pesquisa de mestrado do primeiro autor (Silvio Tavares Ferreira) intitulada “Vivências de alunos surdos adultos sobre experiências em escolas inclusivas com intérpretes educacionais” em desenvolvimento pelo PPGET - UFSC. O questionário completo tem quarenta perguntas. Para este trabalho, apresentamos a tradução de sete.

Quadro 1 - Questões traduzidas de Português escrito para Libras⁴:

Perguntas em português	Perguntas em Libras Versão 1 (V1)	Perguntas em Libras Versão 2 (V2)
<p>1- Conte um pouco sobre a sua experiência escolar. Em que escolas estudou no ensino fundamental? Como era a escola, as aulas, a sua relação com os colegas ouvintes e professores? Dê exemplos de situações marcantes.</p>		
<p>2 - Quando teve intérprete pela primeira vez? (Em que nível de ensino? Em que anos/séries escolares você teve intérprete? Quantos intérpretes você já teve em sua trajetória escolar?</p>		
<p>3 - Você tinha contato com o intérprete fora da sala do ambiente escolar? Onde? Com que frequência?</p>		

⁴ Optamos por não fazer o uso de glosas para a tradução em Libras das questões a fim de não descaracterizar a produção em língua de sinais, portanto disponibilizamos o link e o QR Code (código de barras) que dá acesso ao texto em Libras para apreciação dos leitores.

<p>4 - Em escolas comuns, você já teve professor de Libras, professor de português como L2, intérprete Libras-português? Quais desses profissionais?</p>		
<p>5 - Para você, qual o papel do intérprete educacional? O que ele deve fazer em sala de aula?</p>		
<p>6 - De que forma o trabalho do intérprete impactou na sua formação como aluno?</p>		
<p>7 - Que elementos você considera desafiadores a serem "melhorados" na atuação do intérprete educacional para obter melhor êxito na atuação profissional na educação básica, por exemplo?</p>		

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Vídeo completo, com as duas versões (1 e 2), disponível em: https://youtu.be/_g10yAbQ8nE.



A reflexão a partir das duas versões traduzidas em Libras tem como objetivo avaliar quais escolhas tradutórias se mostram mais eficazes para atingir na língua da tradução (Libras) o mesmo teor comunicativo das perguntas elaboradas em língua portuguesa. Com isso, pretendemos não estabelecer avaliações na perspectiva de “certo ou errado”, mas sim identificar quais versões de cada pergunta estão mais adequadas para utilização com os sujeitos surdos da pesquisa, ou ainda, verificar quais combinações entre as sinalizações realizadas em uma e em outra versão, para a mesma pergunta, poderão traduzir de maneira mais adequada o enunciado para Libras.

Na primeira questão, identificamos que a versão 2 (V2) se utilizou de mais elementos e sinais para contextualizar o conteúdo da pergunta. O posicionamento do TILS (Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais) em relação à câmera

também favoreceu a compreensão do texto em Libras. No entanto, algumas escolhas nos pareceram mais adequadas na versão 1 (V1), como o sinal utilizado para “contar”, assim como ao final da frase a sinalização indica que o “narrar” deve retratar fatos que marcaram a história pessoal do entrevistado, informação que não ficou clara na V1.

Na questão 5, observamos que a V1 usou menos expressões em comparação com a mesma questão na V2. Nesse caso, aparentemente a mensagem sinalizada fica mais clara na medida em que se realiza de maneira mais lenta e expressiva. Refletindo sobre as escolhas realizadas, percebemos poderíamos ter utilizado alguns marcadores como exemplos do que queríamos dizer ao sinalizar “FORA” da sala do ambiente escolar: IGREJA, ASSOCIAÇÃO DE SURDOS, FESTAS, entre outros. Consideramos que a utilização desses marcadores poderia auxiliar

na compreensão do enunciado desenvolvido pela tradução em Libras.

Na questão de número 6, percebemos que na V1 faltou identificar que o “eu” a que se referia a pergunta se trata do próprio sujeito surdo. Na V2, apesar de identificar o sujeito surdo logo no início do enunciado em Libras, também não foi feita uma boa escolha de referência ao terminar a frase traduzida.

Todas as sete questões apresentam várias possibilidades de análise a partir de diferentes parâmetros. Escolhemos apontar apenas alguns pontos que identificamos interessantes e que farão a diferença no momento da recepção da mensagem em Libras pelo entrevistado surdo. De qualquer maneira, a entrevista com os participantes surdos da pesquisa segue os mesmos princípios da literatura pensada para pessoas ouvintes. No entanto, apontamos a necessidade de que o pesquisador construa um roteiro de questões para a entrevista e

que essas questões estejam formuladas de maneira clara e compreensível. É possível afirmar ainda que na elaboração desse tipo de material videogravado em Libras, além do processo de tradução, é necessário fazer adaptações para o público-alvo da entrevista considerando o nível socioeconômico, etário, educacional e de desenvolvimento de linguagem de determinados grupos da comunidade surda. A adaptação da tradução envolve explicitação contextual, exemplos para situar o entrevistado, além do cuidado com os termos (léxico) usado nas questões.

Conclusão

Consideramos relevante a perspectiva tradutória no processo de construção científica. Os trabalhos de pesquisa que usam a entrevista como procedimento para coletar informações geralmente não têm preocupação com a análise da construção do

material para aplicar o procedimento de coleta e nem sobre a influência desse procedimento nos dados.

Percebemos que existe a necessidade de aprofundamento da análise das versões realizadas neste trabalho para que, por fim, sejam efetivadas as escolhas tradutórias capazes de tornar o enunciado em Libras de cada uma das questões de pesquisa o mais compreensível possível.

Nesse sentido, acreditamos que a produção consciente de material videogravado em Libras a partir de um processo de tradução desenvolvido de maneira coletiva e reflexiva possibilitará a construção de questões bem formuladas na língua-alvo e, dessa forma, possibilitarão maior compreensão dos enunciados no momento de aplicação das perguntas ao público surdo falante de Libras.

Referências

BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In: BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini *et al.* 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOTTA-ROTH, D. (org.). *Redação Acadêmica: princípios básicos*. 3. ed. Santa Maria: UFSM, Imprensa Universitária, 2003.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Projeto História - PUC, São Paulo*, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

ROCHA Décio, DAHER, Maria Del Carmen, SANT'ANA, Vera Lúcia de Albuquerque. Entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia, Cuiabá*, v. 8, n. 8, s.p., 2004.

INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS EM CONTEXTOS DE SAÚDE

Giovana Cristina Dutra de Campos¹

Roney Anderson dos Santos Bezerra²

Magda Schulz³



<https://youtu.be/nzcNYZPhHYO>

Palavras-chave: Libras. Intérprete. Saúde. Inclusão social e surdos.

¹ Professora de Libras da Feneis/RS, licenciada em Pedagogia da Universidade Castelo Branco (UCB). Licenciada em Letras Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e especialista em Docência de Libras da Universidade do Tuiuti do Paraná na parceira da UNINTESE. E-mail: arlgini.campos4@gmail.com.

² Professor de Libras do Centro Tecnológico Frederico Jorge Logemann/ Fabor - Faculdade de Horizontina. Licenciado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: bezerraroneya@fabor.com.br.

³ Docente de Interpretação e Tradução em Libras e educadora especial da rede municipal de Santa Rosa. E-mail: magdacristinaschulz@gmail.com.

Introdução

O presente texto se dá frente ao que estamos vivenciando: um mundo em que as ações adotadas para as pessoas com deficiência estão muito mais presentes, inclusive com muitas delas asseguradas por leis. Isso obriga que sejam realmente efetivadas e postas em prática ações que estejam voltadas e comprometidas com o desenvolvimento integral do ser humano.

Muitas dessas ações estão associadas ao conceito de que a civilização não pode caminhar emancipada do desenvolvimento do Homem, Sujeito, Cidadão em todos os seus aspectos. As mesmas situações que estabelecem mudanças estruturais nos espaços físicos nos levam a enfrentar mudanças de atitude na convivência e nas relações interpessoais, fazendo com que o reconhecimento das diferenças e o respeito à diversidade estejam

intimamente ligados ao que se deseja para um mundo em uma sociedade realmente inclusiva.

Neste artigo, apresentaremos o que se julga de real importância e necessidade: a presença do profissional Intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) na área da saúde, atuando em hospitais, clínicas, unidades de saúde, laboratórios entre outros, tornando também estes espaços acessíveis às pessoas Surdas e usuárias da língua de sinais.

Quando isso acontece, há a possibilidade de uma real inclusão de pessoas com Surdez, tornando os espaços de saúde acessíveis e ofertando com eficiência os seus serviços à sociedade e aos cidadãos.

Essa demanda deve ser percebida como uma atitude equalizadora, pois objetiva minimizar, no âmbito social, uma deficiência que impede esse cidadão - no caso, o sujeito surdo e também usuário da língua de sinais - de usufruir de serviços básicos

disponíveis a todos, em todos os níveis de necessidades.

Inclusão é incluir pelos talentos e não pelas limitações (SOUZA; PORROZZI, 2009). Observa-se que a inclusão social das pessoas com deficiência é uma premissa da sociedade inclusiva, que respeita as diferenças. Para que essa sociedade se torne uma realidade, é preciso que se estabeleçam possibilidades de adaptações pertinentes a cada situação de deficiência.

É importante destacarmos que, para o sujeito surdo, a exclusão se dá pela ausência da comunicação oral e a inclusão acontece especialmente por meio da Língua Brasileira de Sinais. Assim, primar pelo acesso ao profissional Intérprete de Libras nos referidos espaços e possibilitar sua presença junto aos profissionais da saúde enquanto atendem pacientes Surdos e/ou usuários da língua de sinais faz com que a proteção

subjetiva desses sujeitos seja garantida, oferecendo assim um serviço de real qualidade, com dignidade ao paciente, esclarecendo-o quanto às suas reais necessidades e implicações no processo de atendimento clínico.

A oferta de conhecimento às equipes de saúde faz com que possam ter uma real compreensão das dificuldades encontradas pela comunidade Surda, que muitas vezes sofre com a não comunicação nas suas famílias, que acabam negligenciando os fatos. Ter acesso à Libras oportuniza que o profissional da saúde possa ajudar, auxiliar e compreender de forma realmente eficiente o seu paciente com Surdez.

A presença do profissional intérprete nos diversos espaços da saúde é a inclusão realmente acontecendo. Portanto, “a sociedade deve buscar medidas nesse sentido em prol de pessoas que têm todos os direitos de estarem em sociedade sem sofrer

qualquer limitação frente a estes direitos” (RAMOS; ALMEIDA, 2016).

Metodologia

Objetiva-se com este trabalho buscar o reconhecimento e destacar a importância da Língua Brasileira de Sinais como instrumento de acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência auditiva e surdez nas áreas que envolvem saúde física, mental e social, funcionando como facilitadora no processo de comunicação, bem como a relevante importância do profissional intérprete atuando nesses espaços.

A necessidade de uma comunicação efetiva entre terapeuta e paciente faz-se importante desde uma simples receita médica, perpassando o agendamento de consulta, serviço odontológico, exames clínicos, preventivos, até o diagnóstico e outras situações. Fica evidente a necessidade do

contato do profissional da saúde com a Libras (Língua Brasileira de Sinais) para oportunizar o entendimento das especificidades e reais necessidades do seu paciente surdo. Busca-se ainda estabelecer os processos de ensino de uma língua de sinais gestual e espacial ao profissional da área da saúde para a melhor compreensão desta metodologia.

Referencial teórico

A Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002) estabelece e reconhece a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua da comunidade surda e a segunda língua do Brasil. O Decreto nº 5.626 de 05 de dezembro de 2005 regulamenta essa lei, e determina no capítulo II, artigo 3º, a inserção do ensino de Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio e superior; nos cursos de Fonoaudiologia e em

instituições de ensino dos Estados, do Distrito Federal e do Município.

No entanto, o segundo parágrafo do mesmo capítulo do decreto determina que o ensino de Libras constituir-se á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional. Assim, o percentual de graduandos de cursos da saúde que cursam a disciplina, por ser optativa, é bastante reduzido. São inúmeras as discussões acerca da inclusão social do surdo e a dificuldade enfrentada para isso. Neste caso, ressalta-se a área da saúde, sendo que seus profissionais não têm nenhuma formação ou informação acerca dessa condição de comunicação.

A ausência de uma comunicação efetiva entre o paciente surdo e/ou deficiente auditivo e o profissional de saúde pode ocasionar situações de equívoco que poderão ter consequências negativas ou traumáticas, erros nos diagnósticos, indicação

errônea de medicamentos, informações sobre patologias que serão mal entendidas e mal interpretadas, entre tantas outras situações comuns. Faz-se importante a capacitação do profissional da área da saúde para o conhecimento de Libras (Língua Brasileira de Sinais), bem como a disponibilidade de um profissional tradutor e intérprete em diferentes ambientes. Assim, a comunicação se torna mais fácil, qualificando o atendimento, diminuindo conflitos, agilizando os serviços e oportunizando a autonomia ao paciente deficiente auditivo e surdo.

É importante destacar que os estudantes que estão no processo de aprendizagem da Libras e que realizam atendimento clínico de indivíduos usuários de Libras salientam que a capacitação é importante e necessária, e que deve ser oferecida de maneira contínua, sendo levada desde a atenção básica até níveis complexos do sistema de saúde, favorecendo a integralidade da pessoa surda.

Análise

A Libras é o principal veículo de garantia de socialização e interação do surdo no mundo ouvinte e a inclusão desses sujeitos nos diferentes contextos sociais está bastante vinculada à língua.

Os profissionais e funcionários da saúde que reconhecem a importância da inclusão desde o momento de sua formação profissional entendem a dimensão de possibilidades positivas que o conhecimento de Libras traz àqueles que atuam na área da saúde. É importante não apenas ensinar Libras aos trabalhadores da saúde, mas construir políticas públicas que oportunizem a disponibilidade de profissionais intérpretes, para que desta maneira haja segurança no atendimento clínico e na promoção da Língua Brasileira de Sinais.

O contato com a Libras rompe paradigmas, é de um aprendizado imensurável e humaniza o

atendimento. Diante disso, percebe-se a importância da implementação do ensino da Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação de profissionais da saúde, bem como a importância da capacitação e da formação continuada para os trabalhadores em atividade.

Com o desenvolvimento dessa vertente de ensino, criam-se estratégias de pesquisa e de construção de “sinais” específicos para a área da saúde, e possibilita-se o reconhecimento da identidade, da cultura e da comunidade Surda usuária da Libras.

Assim, observa-se que a importância da inserção da Libras na formação dos profissionais da área da saúde indica a necessidade de que seu ensino se torne disciplina obrigatória na grade curricular desses cursos. Outro aspecto a ser melhorado é a elaboração de políticas públicas que trabalhem a favor do reconhecimento da Libras como

Língua Oficial Brasileira, marco social e cultural da comunidade surda brasileira. É preciso ainda propiciar cursos de atualização e ensino de Libras para profissionais da Saúde.

Conclusão

Fez-se aqui uma reflexão sobre a importância e a necessidade de os profissionais da área da saúde terem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. Também destacou-se a validade desse conhecimento na vida das pessoas Surdas, que têm a sua língua como identidade e fator de comunidade. Há a necessidade de perceber as condições humanas de forma a não diferenciá-las, mas valorizar suas diversidades. Levando isso em conta, torna-se importante também a presença de intérpretes para auxiliar no atendimento e prestação de serviços ao cidadão falante de Libras.

O contato com a Língua Brasileira de Sinais é de grande aprendizado, e além de romper paradigmas acerca da Libras e do cidadão surdo, colabora para a humanização do atendimento. Com base nesses aspectos linguísticos, é necessária a implementação do ensino da Libras como formação e capacitação obrigatória nos cursos da área da saúde. Também é necessário o desenvolvimento de estratégias e pesquisas para criação de sinais específicos para esse contexto. Aceitando a sua língua, aceita-se o surdo (e/ou o usuário de Libras) como sujeito capaz, respeitando as leis brasileiras que determinam que a Língua Brasileira de Sinais seja reconhecida como “meio legal de comunicação e expressão” (BRASIL,2002), garantindo a acessibilidade e, conseqüentemente, oportunizando a inclusão social de todos.

Ao refletir sobre a importância da presença de intérpretes, é possível afirmar que, junto a eles, os

profissionais e funcionários da saúde - conhecedores ou não da Libras - além de sentirem segurança e tranquilidade no atendimento das pessoas surdas, percebem que a Língua Brasileira de Sinais garante a socialização e inclusão do surdo na sociedade, oferecendo-lhe cidadania e outorgando-lhe o direito de ser sujeito de direitos e de deveres. Ao fazer valer a Lei nº 10.098 de dezembro de 2000, oportuniza-se a acessibilidade das pessoas com deficiência em todos os espaços.

Referências

BRASIL. *Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005.

BRASIL. *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2012*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2012.

BRASIL. *Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000*. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2000.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. *Rev. esc. enferm., USP, São Paulo*, v. 39, n. 4, p. 417-422, dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-2342005000400007>.

RAMOS, Tâmara S.; ALMEIDA, Maria A. P. T. A importância do ensino de Libras: relevância para profissionais de saúde. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia, Vitória da Conquista*, v. 10, n. 33, p. 116-126, 2017.

SOUZA, Marcos T. de; PORROZZI, Renato. Ensino de Libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. *Revista Práxis, Rio de Janeiro*, v. 1, n. 2, p. 43-46, ago. 2009.

RESISTÊNCIAS SURDAS CONTADAS DE OUTROS MODOS

Josué Rego da Silva¹

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado²



<https://youtu.be/XBP4nHVkLiw>



Palavras-chave: Libras. Intérprete. Narrativas.

¹ Tradutor e Intérprete de Libras do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), campus Serra. Mestre em Educação pela UFES. E-mail: mailto:josuetils@gmail.com.

² Docente Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no curso de Letras Libras. Pós-doutora em Educação UNISINOS. E-mail: luczarina@yahoo.com.br.

Introdução

Escolher a trilha do viés foucaultiano implica divergir com algumas representações ou normas, colocando em suspeição qualquer tipo de discurso ou verdade sobre a emergência do nosso objeto de estudo, o Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Português. A temática tem relação estreitacoosco, que trabalhamos na área de modo informal (como Codas)³ desde a tenra idade e como profissionais desde que atingimos a maioridade.

Tendo isso em vista, problematizar as várias formas de pensamento sobre esse profissional exigiu de nós, como pesquisadores, o cuidado para que as formulações não se tornassem repetitivas ou que se associassem com o que já está posto. Podemos considerar que o Tradutor e Intérprete de Libras e

³ Coda - Children of Deaf Adults, sigla em inglês que tem como significado a expressão "filhos de pais surdos".

Português, na conjuntura política da inclusão, tem como um dos seus objetivos atender às demandas específicas do sujeito surdo. Isso posto, nos propomos a problematizar esse profissional sob a ótica da grade de inteligibilidade do nosso tempo, entendendo a sua emergência como um “[...] conjunto de práticas possibilitadas por redes de relações em que a experiência se constitui como atmosfera de seu tempo” (LOPES; MORGENSTERN, 2014, p. 186).

Nesse escopo, o objetivo geral do estudo foi problematizar a emergência, constituição e institucionalização do Tradutor e Intérprete de Libras e Português. Como objetivos específicos, enumeramos: a) Identificar e debater, a partir das narrativas, os modos de resistências surdas; b) Compreender os efeitos das verdades e discursos que atravessam e influenciam a atuação profissional desse sujeito e c) Problematizar as possibilidades que

escapam às formas de poder a partir dos modos de resistência no imperativo da inclusão.

Metodologia

Pensar a emergência, constituição e institucionalização dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português exigiu de nossa parte o esforço de interpelar o que Josué propôs em sua dissertação sob uma perspectiva histórica. Isto é, trazer à tona acontecimentos anteriores, experiências e práticas dos sujeitos participantes da pesquisa. Fazer esse resgate é um exercício de mostrar como que no interior das relações de poder emergem modos de resistências que possibilitam a constituição de diferentes sujeitos em suas práticas. Seria interessante tentar observar como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é definitivo, que não é apenas aquilo tido como

verdade historicamente, mas que se constitui a cada instante fundado e refundado pela história.

É em direção a esta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos nos dirigir (FOUCAULT, 2003, p. 10). Mas, como propor uma abordagem diferente? Como contar pelo viés histórico elementos que nos ajudem a narrar de outro modo a memória dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português? Entendemos que, ao nos propormos a dialogar sob as lentes foucaultianas, não buscamos soluções ou verdades, visto que fomos provocados constantemente com novas perguntas.

As narrativas, segundo Andrade (2014), são atravessadas por relações de poder construídas em torno dos discursos produzidos e/ou inventados. Por que não considerar aquelas produzidas pelos próprios Tradutores e Intérpretes de Libras e Português? Vale destacar que as narrativas não tiveram o compromisso de explicar fatos ou

acontecimentos específicos, elas foram compartilhadas de forma natural, e por vezes denunciaram situações, algumas até embaraçosas, que os narradores vivenciaram ao longo de suas experiências de inserção na comunidade surda.

Em seus relatos, os sujeitos descreveram suas histórias em relação aos surdos, a aquisição da Libras e suas trajetórias profissionais, fatos esses que nos motivaram a compreender e problematizar as práticas, discursos e verdades descritas. Quanto aos sujeitos selecionados para esta pesquisa, buscamos entrevistar pessoas com experiência na área da tradução e interpretação de Libras e Português que estavam atuando na área - na ocasião deste estudo - ou que já atuaram anteriormente, seja em qualquer contexto educacional, independente da sua idade, religião, gênero ou formação acadêmica. Foram entrevistados doze sujeitos com idades entre 29 e 55

anos, sendo cinco de outros estados da federação e sete oriundos do estado do Espírito Santo.

Entre os participantes, oito relataram que a aproximação com a Libras ocorreu em alguma instituição religiosa, pelo contato com amigos surdos ou ainda devido a algum curso oferecido pela igreja, sendo realçado por eles que essas experiências foram importantes para a sua escolha profissional. Três dos entrevistados são Cotas, tendo, portanto, contato com a Libras desde a tenra idade, e em muitas oportunidades atuando de modo informal em contextos tradutórios e interpretativos.

Referencial teórico

Segundo Foucault (1988), resistir é algo subjetivo do ser humano, da vida, visto que a resistência emerge nas relações de poder e gera possibilidades de mudança, transformação e criação de espaços. Em outras palavras, resistir não é apenas

reagir a uma situação – que é resposta esperada pelas forças de poder –, mas conceber alternativas de composição de algo inédito, não imaginado pelo poder:



Basicamente, a resistência é a experiência de subjetivação, de autonomia. A resistência é combate particular; ela não afronta o inimigo para infligir uma derrota, mas ela se bate na adversidade; no fundo seu adversário não passa de um pretexto, o que ela pretende é enfraquecê-lo e fazê-lo bater em retirada. Ela não busca a vitória, ela não se lança em uma batalha final, ela desarma o inimigo com suas próprias armas ao desorganizar a guerra que ele havia imposto

(GARCIA, 2013, p. 109).

Podemos entender a resistência a partir das contribuições foucaultianas como uma estratégia, uma tática, um fato imanente ao sujeito nas relações

de poder, e que pode “[...] tomar o feitio de uma retirada, de uma desistência, resistência passiva, quando a resistência parece resignação” (GARCIA, 2013, p. 109). Dessa forma, ela vai existir onde houver relações de poder e vai se atualizar segundo os poderes que vão se instituindo e se exercitando nas relações. O Tradutor e Intérprete de Libras e Português, aqui pensado como uma expressão de resistência surda, pode explorar e alterar territórios, ultrapassar o que é imposto, sendo de fato um indivíduo curioso, como cita Foucault (1984):



A curiosidade - em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale à pena ser praticada como um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele se assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, o descaminho daquele que conhece? (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Análise

Para compreendermos os modos de resistência surda a partir das narrativas dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, devemos pensá-los como questões do nosso tempo, como movimentos regulares, para percebermos como somos subjetivados pelos poderes e saberes produzidos e como nos apropriamos deles como verdades.

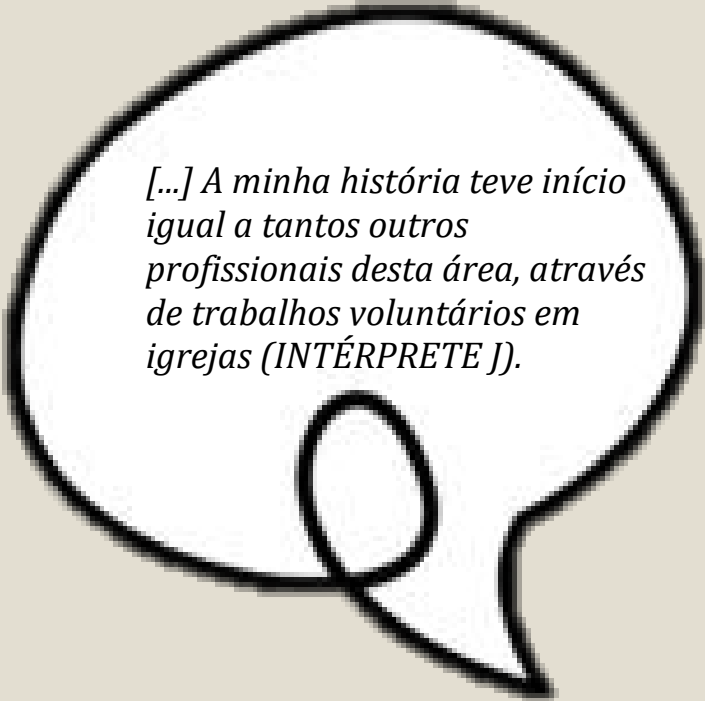
Para isso, recorreremos às ferramentas foucaultianas para analisar algumas atitudes como modos de resistência surda por intermédio das ações dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português. Neste caso, consideramos as narrativas de profissionais que iniciaram as suas práticas antes da legalização da profissão, compreendendo esses momentos vivenciados como de extrema importância para o reconhecimento da categoria.

Então, se faz necessário discutir como se dão esses acontecimentos para que os aceitemos como verdades. Ao dialogar com as produções dos dados apresentadas neste trabalho, foi constatado que a maioria dos entrevistados tem um vínculo com a religiosidade em sua experiência inicial com a Língua Brasileira de Sinais. Além dos espaços religiosos, as associações de surdos também eram locais onde aconteciam reuniões em que a Libras era utilizada, de modo informal, visto que os cursos, de acordo com Vieira-Machado (2016), eram ofertados em sua maioria pelas igrejas:



[...] as associações de surdos eram mais focadas nas atividades desportivas e no encontro surdo-surdo e por isso não promoviam cursos de Libras de forma intensiva apesar de já terem existido ações isoladas e pontuais. Não se enxergavam com esse papel já que se constituía como um espaço cultural (VIEIRA-MACHADO, 2016, p. 157).

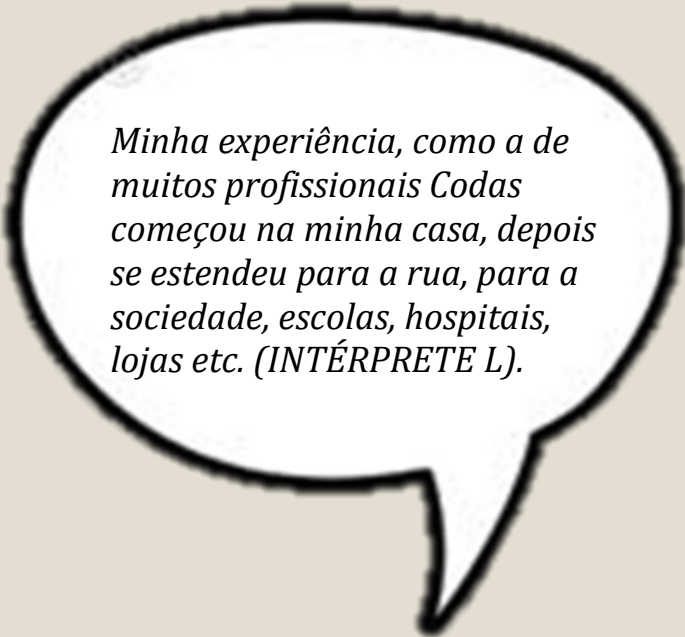
As entrevistas com os narradores desta pesquisa permitiram perceber diferentes percursos formativos que atravessaram esses sujeitos e que contribuíram para a sua constituição profissional. Essas informações emergem em algumas narrativas de forma bem interessante:



[...] A minha história teve início igual a tantos outros profissionais desta área, através de trabalhos voluntários em igrejas (INTÉRPRETE J).

[...] Todo o meu processo de interpretação começou logo com poucos anos de idade. Meus pais são surdos e em toda situação com eles, no trabalho deles de médico, nós sempre interferimos muito, então vamos aprendendo naturalmente e também começamos a ser solicitados por associações, trabalhando dentro de associações como voluntários, indo em algumas audiências com alguns políticos e tudo (INTÉRPRETE J).

[...] Foi por motivos religiosos que iniciei meu convívio com a comunidade surda ativamente. Inicialmente, saía para o serviço de pregação com amigos que eram surdos, e estes me ensinavam Libras e através de um caderninho eu anotava as palavras que eu tinha dúvida, e eles faziam os sinais (INTÉRPRETE R).



Minha experiência, como a de muitos profissionais Cotas começou na minha casa, depois se estendeu para a rua, para a sociedade, escolas, hospitais, lojas etc. (INTÉRPRETE L).

Conclusão

Em busca da compreensão e problematização do objeto, nos valem de uma caixa de ferramentas com algumas contribuições analíticas foucaultianas de resistência que foram exploradas, por exemplo, como opção metodológica para a produção dos dados, na seleção dos fragmentos de narrativas de

Tradutores e Intérpretes de Libras e Português de diferentes épocas e espaços.

A intenção do estudo ultrapassou nossas próprias construções profissionais, e também pode ser pensada para a construção política da categoria. Entendemos que havia a necessidade de revelar, pelas narrativas dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, que os nossos modos de resistência foram e são relevantes para as conquistas atuais da comunidade surda.

Seguimos o viés de pensar de outro modo a emergência, constituição e institucionalização do Tradutor e Intérprete de Libras e Português por acreditar que essa é uma possibilidade frente às relações de poder exercidas nos espaços ocupados por esse sujeito. O pensar aqui proposto não seria no sentido de ampliar os conhecimentos adquiridos, mas para fazermos diferente.

Com a intenção de tentar responder o objetivo geral, percebemos que os modos de resistência dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português consistem em práticas importantes e necessárias para os anseios da comunidade surda em geral, pois abrem caminhos e se movimentam em direção ao bem comum. Portanto, ao finalizar este artigo, tem-se ciência de que as expectativas podem não ser totalmente atendidas, mas que o mais significativo é que nossas abordagens poderão inspirar, incentivar e subsidiar novos trabalhos.

Referências

BRANCO, Guilherme Castelo. Ontologia do presente, racismo, lutas de resistência. *In: PASSOS, I. C. F. (org.). Poder, normalização e violência: Incursões foucaultianas para a atualidade.* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

CARVALHO, Alexandre de Filordi. *Foucault e a função-educador*. Coleção Fronteiras da Educação, São Paulo, 2014.

CARVALHO, Antônio Filordi de. *Pensar a função-educador: aproximações foucaultianas voltadas para a constituição de experiências de subjetividades ativas*. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 31., 19 a 22 out. 2008, Caxambu-MS. *Anais [...]*. Caxambu-MS: ANPEd, 2008. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt17-4509-int.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, Luciyenne Matos da. *Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história*. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

GARCIA, Célio. Resistência a partir de Foucault. In: PASSOS, I. C. F (org.). *Poder, normalização e violência: Incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

MOTTA, Manoel Barros da. Poderes e estratégias. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Foucault: estratégia, poder-saber*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos IV).

QUADROS, Ronice Muller de Quadros. *O Tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa*. Secretária de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdo/SEESP: Brasília, 2007.

VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. A constituição de uma educação bilíngue e a formação dos professores de surdos. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 639-659, jul./set. 2016.

**FORMAÇÃO
DE TRADUTORES E
INTÉRPRETES
LIBRAS-
PORTUGUÊS**

ANÁLISE DOS DESENHOS CURRICULARES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO BRASILEIROS DESTINADOS À FORMAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS¹



Marília Duarte da Silva (UFSC)²
Luiza Teixeira C. Fernandes (UFSC)³
Stéfany Gomes Pereira (UFSC)⁴

<https://youtu.be/2iJ2xgnBk3Y>



Palavras-chave: Formação. Línguas de Sinais. Modalidade de Língua. Desenho Curricular.

¹ Trabalho orientado pelo professor Carlos Henrique Rodrigues, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET.

² Graduada em Letras Libras - Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista voluntária. E-mail: mariliaduarte@grad.ufsc.br.

³ Graduada em Letras Libras - Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista CNPq. E-mail: luiza.teixeira@grad.ufsc.br.

⁴ Graduada em Letras Libras - Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista CNPq. E-mail: stefany.gomes@grad.ufsc.br.

Introdução

Considerando a recente formação de intérpretes e tradutores de Libras-Português nas universidades federais brasileiras, compartilhamos dados parciais da pesquisa “Formação de Tradutores e Intérpretes de Libras-Português: competência, desenho curricular e modalidade gestual visual” com o intuito de apresentar um panorama geral desta iniciativa que teve início, no contexto brasileiro, em 2008.

Nesta pesquisa, objetiva-se conhecer e analisar os desenhos curriculares dos cursos de graduação das referidas universidades que se destinam à formação desses profissionais, destacando e discutindo suas características, objetivos e propostas em termos de conteúdos disciplinares e carga horária, por exemplo.

Referencial teórico

Para fundamentar a análise e reflexões, utilizamos pesquisadores atuais que têm investigado a Competência Tradutória e a Didática da Tradução, tais como Hurtado Albir (2005), Gonçalves (2015), Zampier e Gonçalves (2017), Faria e Galán-Mañas (2018) e Rodrigues (2018, 2019), entre outros. Entendemos que a competência tradutória:



[...] é um conhecimento especializado que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos, declarativos e, em maior proporção operacionais, necessários para saber traduzir, que está composto de cinco subcompetências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psicológicos. (HURTADO ALBIR, 2005, p. 28).

Vale mencionar que a formação de tradutores e de intérpretes de Libras-Português é uma área recente no Brasil e vemos que:



[...] essa jovialidade do campo de formação deve-se a diversos fatores sociais e históricos, dentre os quais podemos citar: (i) o desprestígio social da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e seu reconhecimento tardio, tanto pela academia quanto pelo governo brasileiro; (ii) a visão do tradutor e do intérprete de língua de sinais como meros ajudadores ou praticantes de caridade, sem necessidade de formação superior ou de profissionalização; ou ainda, (iii) a noção equivocada de que não é necessário o desenvolvimento de uma competência específica para traduzir/interpretar, visto que basta àqueles que traduzem/interpretam a fluência nas línguas.
(RODRIGUES, 2018, p. 199).

Como a proposta é analisar o desenho curricular dos cursos brasileiros de formação de

tradutores e intérpretes intermodais (que atuam entre uma língua vocal e outra gestual), criados no período de 2008-2018, definiu-se que seria importante, primeiramente, categorizar as disciplinas desses cursos em eixos temáticos e contabilizar suas cargas horárias.

Para além da definição conceitual de competência tradutória e sua relação com a Didática da Tradução (HURTADO ALBIR, 2005; GONÇALVES 2015; RODRIGUES, 2018), entendemos que a formação pressupõe uma vinculação direta desses dois conceitos, que se concretizam no sistema educacional, com suas formas sistematizadas nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) e expressas em termos de disciplinas, cargas horárias, conteúdos, objetivos, competências e ênfases registrados nos desenhos curriculares.

Metodologia

Como metodologia, optamos pela análise documental. Para tanto, em um primeiro momento, utilizamos a internet, mais especificamente o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior (Cadastro e-MEC), para identificar os cursos existentes por meio da consulta avançada com determinadas chaves de pesquisa previamente definidas.

Assim, encontramos sete cursos de graduação, nas seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Entretanto, como sabíamos da existência de um curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português na Universidade Federal do Rio Grande do

Sul (UFRGS), buscamos diretamente esses dados na página de seu Instituto de Letras. Encontramos o curso como uma habilitação: Bacharelado em Letras – Tradutor e Intérprete de Libras⁵. Vejamos o que obtivemos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Cursos e instituições

INSTITUIÇÃO	CURSO
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Letras Libras: Bacharelado (EaD) – criação 2008, Polos: Joinville/SC, Santa Rosa/RS, São Luís/MA, Ribeirão das Neves/MG, Manaus/AM e Fortaleza/CE.
	Letras Libras: Bacharelado (presencial) – criação 2009, Campus Reitor David Ferreira Lima, Florianópolis/ SC.
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Letras Libras: Bacharelado – criação 2013, Campus Cidade Universitária, Rio de Janeiro/ RJ.
Universidade Federal de Goiás (UFG)	Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português: Bacharelado – criação 2014, Campus Samambaia, Goiânia/ GO.

⁵ Informação disponível em:
https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=184.

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Letras Libras: Bacharelado em Tradução e Interpretação - criação 2014, Campus de Goiabeiras, Vitória/ ES.
Universidade Federal de Roraima (UFRR)	Graduação em Letras/Libras: Bacharelado -criação 2014, Campus Paricarana, Boa Vista/ RR.
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	Bel. em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa - criação 2014, Campus de São Carlos, São Carlos/ SP.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Bel. em Letras: Tradutor e Intérprete de Libras (Libras-Português e Português-Libras) - criação 2014, Campus do Vale, Porto Alegre/ RS.

Fonte: RODRIGUES (2019).

Para a coleta dos PPPs de cada um dos cursos e de demais dados gerais consultamos os dados disponíveis nas páginas das instituições, na secretaria dos cursos e no próprio e-MEC. Vejamos.

Quadro 2 - Os PPPs dos cursos

CURSO	TÍTULO	DATA	PÁGINAS
Letras Libras: Bacharelado - EaD (UFSC)	Curso de Letras Libras Licenciatura e Bacharelado Modalidade a Distância Regular	2013	41

Letras Libras: Bacharelado - presencial (UFSC)	Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras Libras Licenciatura e Bacharelado Modalidade Presencial	2012	62
Letras Libras: Bacharelado	Projeto Pedagógico do Curso de Letras-Libras Licenciatura e Bacharelado	Julho de 2011	74
Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português: Bacharelado	Projeto Pedagógico do Curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português (Bacharelado)	20 de abril de 2016	150
Letras Libras: Bacharelado em Tradução e Interpretação	Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras Libras Bacharelado em Tradução e Interpretação	03 de junho de 2013	338
Graduação em Letras/Libras: Bacharelado	Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras/Libras - Bacharelado	2014	87
Bel. em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa	Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras)/Língua Portuguesa	2014	77

Bel. em Letras: Tradutor e Intérprete de Libras (Libras-Português e Português-Libras)	Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado: Habilitação Tradução e Interpretação de Libras (Libras-Português e Português-Libras)	Setembro de 2014	28
---	--	------------------	----

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Então passamos para a segunda etapa, na qual realizamos a separação e registro em formulário *on-line* das informações sobre os currículos dos oito cursos graduação identificados. Organizamos as informações das disciplinas ofertadas e suas ementas com as seguintes categorias de dados: *Instituição e Curso, Nome completo da disciplina, Código da disciplina, Carga horária total da disciplina, Carga horária teórica, Carga horária prática, total de créditos da disciplina, Período ou fase do curso em que a disciplina é oferecida, Ementa da disciplina e Categoria da disciplina.*

Orientadas por essa primeira seleção de dados coletados, realizamos relatórios detalhados de cada

curso. Nesses relatórios, tomamos o cuidado de identificar as dúvidas e decisões tomadas durante o preenchimento do formulário. Isso foi importante frente às dificuldades encontradas em relação à ausência, à imprecisão ou à divergência de informações coletadas. Observamos que diversas informações não estavam devidamente disponibilizadas, que muitos dados sobre o mesmo aspecto divergiam, dependendo de onde se realizava a consulta e, além disso, algumas informações eram imprecisas, ainda mais quando comparadas a outros dados do curso. Destacam-se, por exemplo, as imprecisões e discrepâncias na indicação da divisão de carga horária entre teoria e prática.

Na terceira etapa, lemos e discutimos trabalhos dos autores apresentados no referencial teórico e os relatórios que elaboramos sobre as características e especificidades de todos os cursos. Nessa etapa, buscamos refletir sobre os currículos encontrados e

sobre seus impactos na formação do futuro profissional. Para tanto, foram consideradas a modelagem da competência tradutória e os aspectos didático-pedagógicos relacionados à formação de tradutores e de intérpretes. Nessa etapa, realizamos um curso de formação no âmbito da Escola de Altos Estudos da CAPES com o objetivo de aprofundar a fundamentação teórica necessária às reflexões⁶.

Na quarta etapa, retomamos os dados organizados no formulário e, para cada uma das instituições pesquisadas, identificamos e listamos em uma tabela as principais informações de cada curso. Em seguida, representamos esses resultados em gráficos e quadros (apresentados abaixo) que expressam parte das análises quantitativas e qualitativas, procurando refletir sobre como se dá a

⁶ O curso foi ministrado pelo prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues e pela profa. Dra. Anabel Galán-Mañas da *Universitat Autònoma de Barcelona*, Espanha, em abril de 2019.

organização e sistematização dos cursos de formação de tradutores e intérpretes intermodais no Brasil.

Análise

Com base nas leituras dos textos de referência e das informações obtidas na pesquisa, produzimos uma base de dados abrangente que objetivou sistematizar e categorizar as disciplinas e ementas existentes nos PPPs dos oito cursos de formação. Observamos que esse primeiro levantamento de dados demanda uma reflexão mais detalhada. Os resultados podem servir não como proposta de uma padronização de currículos, mas para a ampliação das discussões existentes em relação à competência tradutória e interpretativa intermodal e, por sua vez, contribuir com o aperfeiçoamento desses desenhos curriculares. Vejamos parte dos resultados representados abaixo:

Tabela 1 - Cursos de Graduação visando à formação de TILSP nas UFs

Ano de criação	Instituição e curso	Total de disciplinas	Carga horária total
2008	UFSC - Letras Libras: Bacharelado EaD	37	2.850h
2009	UFSC - Letras Libras: Bacharelado	42	3.330h
2013	UFRJ - Letras Libras: Bacharelado	41	2.890h
2014	UFG - Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português: Bacharelado	43	3.160h
2014	UFES - Letras Libras: Bacharelado em Tradução e Interpretação	45	3.020h
2014	UFRR - Graduação em Letras/Libras: Bacharelado	38	2.580h
2014	UFSCar - Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/ Língua Portuguesa	53	2.940h
2015	UFRGS - Bacharelado em Letras: Tradutor e Intérprete de Libras	39	3.255h

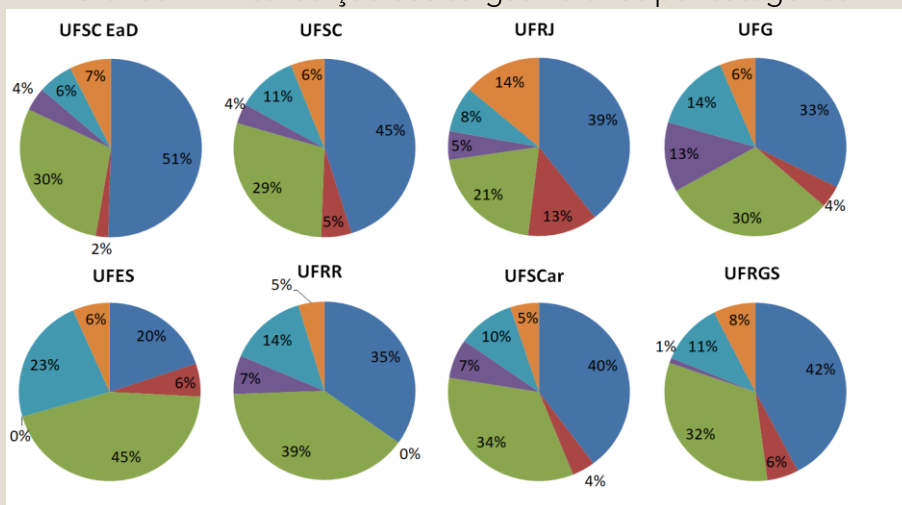
Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

A análise evidenciou que entre as instituições há uma variação de cerca de 30% na carga horária total dos cursos, ao se considerar a menor e a maior carga

horária. Sendo assim, nos questionamos sobre qual será o perfil do egresso desses cursos. Seria possível formar um profissional com uma competência tradutória e interpretativa intermodal similar? Qual seria a carga horária adequada à formação pretendida?

Vale representar a categorização das disciplinas nas seguintes áreas temáticas: *Línguas e linguística* (LL); *Literaturas e Culturas* (LC); *Tradução e Interpretação* (TI); *Educação e didática* (ED); *Outras disciplinas* (OD) e *Atividade complementar* (AC). Essas categorias nos permitiram visualizar como os cursos se organizam e realizar uma comparação entre eles e seus enfoques. Vejamos os gráficos apresentados abaixo.

Gráfico 1 - Distribuição das cargas horárias por categorias



Fonte: RODRIGUES (2018).

Através da análise desses gráficos, nos deparamos com a variação de 125% na carga horária das disciplinas específicas de tradução e/ou interpretação se considerar a menor e a maior carga horária. O que chamou nossa atenção foi o fato de haver diferenças significativas nas ênfases e na concentração de conteúdos sem muitas vezes dar o devido destaque aos conteúdos específicos da

formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais.

Além disso, considerando que a UFSC foi pioneira na criação de um curso que oferta esse tipo de formação, é possível identificar sua influência sobre as demais. Entretanto, pelo fato de o bacharelado ter se originado a partir do curso de licenciatura, que já funcionava à época, o seu desenho curricular foi criado apenas com a alteração de algumas disciplinas mais específicas. Assim, a formação de tradutores e intérpretes está marcada pela formação de licenciados para o ensino de Libras. Portanto, o percentual de disciplinas de linguística se destaca, e as disciplinas de educação e didática ainda se mantêm em boa parcela dos cursos, variando de 1% a 13%. Apenas o curso da UFES não possui disciplina na categoria ED.

Conclusão

Esperamos que esses resultados parciais possam contribuir com a caracterização geral da formação acadêmica brasileira de profissionais da tradução e da interpretação intermodal e com a discussão atual sobre a necessidade de atualização e aperfeiçoamento desses cursos de graduação com base na centralidade da competência tradutória/interpretativa intermodal para a construção dos desenhos curriculares. A análise evidenciou uma diversidade de propostas formativas no que se refere à carga horária total do curso, às ênfases formativas, às disciplinas ofertadas, aos conteúdos propostos, entre outros aspectos.

Pudemos observar que, embora recente, a formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português demonstra significativos avanços no que se refere: (i) ao reconhecimento da tradução e da

interpretação de línguas de sinais como um âmbito profissional especializado que demanda formação acadêmica; e (ii) à constituição dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais como um promissor campo de atuação e de pesquisa.

Referências

FARIA, J. G.; GALÁN-MAÑAS, A. Um Estudo sobre a Formação de Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 265-286, 2018.

GONÇALVES, J. L. V. R. Repensando o Desenvolvimento da Competência Tradutória e suas implicações para a Formação do Tradutor. *Revista Graphos*, v. 17, n. 1, p.114-130, 2015.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. *In:*

PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 19-57.

RODRIGUES, C. H. Formação de Intérpretes e Tradutores de Língua de Sinais nas Universidades Federais Brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. *Translatio*, v. 15, p. 197-222, 2018.

RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. *Belas Infiéis*, v. 8, n. 1, p. 145-162, 2019.

ZAMPIER, P.; GONÇALVES, J. L. V. R. Uma análise do desenvolvimento da competência tradutória em cursos superiores de tradução e interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras)-português. In: IV ENCULT, 4., 2017, João Pessoa. *Anais eletrônicos Cultura & Tradução*, 2017. p. 95-105.

**MAPEAMENTOS
DE
PESQUISAS**

UMA DÉCADA DE ESTUDOS SOBRE O TRABALHO DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EM EQUIPE: DADOS DO *JOURNAL OF INTERPRETER EDUCATION*

Giliard Bronner Kelm¹
Neiva de Aquino Albres²



<https://youtu.be/SmdJsAmHlxE>



Palavras-chave: Interpretação Libras-português.
Interpretação em dupla. Interpretação educacional.

¹ Mestre em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: giliardkelm@gmail.com.

² Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras. Doutora em Educação Especial e mestra em Educação. E-mail: neiva.albres@ufsc.br.

Introdução

A atuação de intérpretes de línguas de sinais em ambiente educacional tem sido garantida como um direito da pessoa surda e um dever da instituição que oferece serviços de educação, cultura, lazer (BRASIL, 2015). No Brasil, é comum o trabalho de interpretação individual, com o trabalho em dupla sendo desenvolvido, geralmente, em instituições de ensino superior e públicas. Neste trabalho, objetivamos descrever e discutir o desenvolvimento das pesquisas sobre a “interpretação em dupla” sob um ponto de vista teórico.

Referencial teórico

Tomando como princípio de pesquisa a perspectiva dialógica da linguagem (VOLÓCHINOV, 2017), analisamos o desenvolvimento de pesquisas e produção de artigos sobre a tradução em equipe

considerando as condições políticas e ideológicas que moldam e influenciam contextualmente e conceitualmente a evolução científica. Para Bourdieu (1983) há uma hierarquia social dos objetos de pesquisa que orientam os investimentos intelectuais, proporcionando um lucro material e simbólico.

No contexto atual de desenvolvimento de políticas educacionais inclusivas em diferentes países se fez essencial o incremento de pesquisas sobre os papéis e práticas dos IEs. Em muitos casos, um profissional novo no cenário educacional deve conhecê-lo e discuti-lo para assim construir as funções que desempenhará, enriquecendo sua competência profissional.

Albres e Lacerda (2013), realizaram o levantamento de revistas internacionais que abordam a Língua de Sinais como tema entre os anos de 1990 a 2010. Encontraram 20 pesquisas sobre o Intérprete Educacional (IE) e 49 pesquisas sobre ILS (Intérprete

de Língua de Sinais) atuando em diferentes áreas. Mas, nenhum trabalho específico sobre interpretação em dupla.

Albres e Kelm (2020, p. 4), a partir de uma revisão de literatura, indicam que “a interpretação em equipe envolve um conjunto de intérpretes atuando simultaneamente em diferentes tarefas para a qualidade de uma interpretação”. As autoras complementam a definição de interpretação em dupla descrevendo que:



A interpretação em dupla compreende dois intérpretes trabalhando e ajudando um ao outro em intervalos breves durante o tempo total designado para a interpretação. Há um revezamento das atividades, ora um está à frente da interpretação, ora outro. A posição de não estar à frente não significa “descanso da interpretação”, pois enquanto o intérprete à frente interpreta, o outro desenvolve várias tarefas simultaneamente. A dupla refere-se a um número reduzido de participantes no momento da interpretação, assim como compõe uma equipe maior envolta no ato de interpretar. (ALBRES; KELM, 2020, p. 5)

Metodologia

A metodologia adotada no presente trabalho foi o estudo bibliométrico que consiste em um conjunto de princípios que contribuem para o estabelecimento teórico do campo de uma ciência em questão. A função do estudo bibliométrico é a gestão do conhecimento socialmente construído. Segundo Pritchard (1969, apud BEUREN e SOUZA, 2008, p. 3) estudos bibliométricos são “todos os estudos que tentam quantificar os processos de comunicação escrita”, o que permite estabelecer perfis dos estudos de determinada área.

Para Vanti (2002), usando esse método é possível identificar trabalhos, teorias e autores que estão sendo usados para o desenvolvimento do capital científico da área estudada e seu desenvolvimento cronológico, podendo identificar o crescimento ou não da área de estudo pesquisada.

Utilizamos como fonte primária a revista científica *International Journal of Interpreter Education* (IJIE), cujo nome se traduz em português para algo como “Revista Internacional Sobre Formação de Intérpretes”. Ela trata da formação de intérpretes tanto de línguas vocais quanto de línguas de sinais. Os artigos publicados versam sobre qualquer aspecto da teoria, política, aplicação ou prática da formação/instrução de intérpretes com uma visão interdisciplinar.

Figura 1 - Página na Web da revista



Fonte: Revista *International Journal of Interpreter Education* (2019).³

³ Disponível em: <https://tigerprints.clemson.edu/ijie/>

Com o auxílio da internet, acessamos cada uma das bases de dados para encontrar as edições pertencentes ao período de 2009 a 2019. Nossa busca inicial se deu pelos títulos dos artigos e, em seguida, pelos resumos dos títulos selecionados que contemplassem as palavras e expressões: *team work*, *group work*, *pair work*, *double team* (dupla), *work in pairs*, *work together*. Para registro da coleta dos dados, organizamos uma tabela para anotar o volume da revista, informações sobre o ano de publicação, edição temática, juntamente com os respectivos títulos dos artigos e nome dos autores que tratam do trabalho do intérprete em dupla ou equipe. O processo foi adotado para cada revista, conforme apresentamos no quadro 1, na seção de análise dos dados.

A análise se deu pela revisão dos textos levantados, servindo para fundamentar teoricamente nossos estudos e para a compreensão dos achados

sobre o trabalho de intérpretes em duplas em âmbito educacional.

Análise

Conduzimos a análise respondendo às perguntas de pesquisa: Quais são as pesquisas publicadas na revista *International Journal of Interpreter Education* (IJIE), que tratam do intérprete em dupla? Quando se precisa de mais de um intérprete? A plataforma de busca internacional, como já dissemos, foi o site da revista *International Journal of Interpreter Education* (IJIE).

Quadro 1 - Pesquisas sobre interpretação educacional na revista
International Journal of Interpreter Education (IJIE)

VOLUME, Nº, MÊS ANO	EDITORIAL	TÍTULO	AUTOR/INSTITUIÇÃO
Volume 10 número 2 dezembro 2018	<p><i>Shared Learning Between Spoken and Signed Language Interpreters and Students</i></p> <p>Aprendizagem Colaborativa entre intérpretes de línguas orais, línguas de sinais e alunos</p>	<p><i>Designated or preferred? A deaf academic and two signed language interpreters working together for a PhD defence: A case study of best Practice.</i></p> <p>Designação ou preferência? Acadêmico surdo e dois TILS trabalhando em equipe em uma defesa de Doutorado: Um estudo de caso de boas práticas.</p>	<p>Maartje De Meulder <i>University of Namur</i></p> <p>Jemina Napier <i>Heriot-Watt University</i></p> <p>Christopher Stone <i>University of Wolverhampton</i></p>
Volume 9 número 1 june 2017 OPEN FORUM	<p><i>Creating Connections Between Inquiry and Education Ineke Crezee and George Major.</i></p> <p>Criando Conexões entre Investigação e Educação</p>	<p><i>Book Review: Signed Language Interpretation and Translation Research. Selected papers from the first International Symposium.</i></p> <p>Resenha: Pesquisas em Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais.</p>	<p>Rachel McKee <i>Universidade Victoria de Wellington</i></p>

<p>Volume 8</p> <p>Número 2</p> <p>Novembro 2016</p>	<p><i>Travel, Technology and Professional Connections</i> George Major and Ineke Crezee</p> <p>Viagens, Tecnologia e Relações Profissionais</p>	<p><i>The Value of Knowledge and Relationships.</i></p> <p>O valor do Conhecimento e de Relações</p>	<p>Doug Bowen-Bailey <i>Digiterp Communications</i></p>
<p>Volume 8</p> <p>Número 1</p>	<p><i>Research Underpinning and Informing Interpreter Education</i> Ineke Crezee and George Major</p> <p>Pesquisa que sustenta e informa a educação de intérpretes</p>	<p><i>Understanding the Work of Designated Healthcare Interpreters.</i></p> <p>Entendendo o Trabalho de Intérpretes alocados em contextos de saúde</p>	<p>Laurie Swabeyi, <i>Catherine University.</i> Todd S. K. Agan, <i>University of Texas Health Science Center at San Antonio.</i> Christopher J. Moreland, <i>University of Texas Health Science Center at San Antonio</i> Andrea M. Olson¹ <i>Catherine University</i></p>

<p>Volume 7 número 1 maio 2015</p>	<p><i>From Classroom to Professional Practice: The Challenging Nature of Our Work</i> Da sala de aula até a prática profissional: A natureza desafiadora do nosso trabalho</p>	<p><i>Bridging the Gap Between Interpreting Classrooms and Real-World Interpreting:</i> Transpondo a ponte entre interpretação em sala de aula e interpretação no mundo real</p>	<p>Binhua Wang <i>The Hong Kong Polytechnic University</i></p>
<p>Volume 7 número 1 maio 2015</p>	<p><i>From Classroom to Professional Practice: The Challenging Nature of Our Work Ineke Crezee and George Major</i> Da sala de aula até a prática profissional: A natureza desafiadora do nosso trabalho</p>	<p><i>Interview with a Trailblazer: Jessica Dunkley, MD.</i> Entrevista com uma pioneira: Mestre Jessica Dunkley</p>	<p>Debra Russell <i>University of Alberta, Canada.</i> Jessica Dunkley <i>University of Alberta, Canada.</i></p>

<p>Volume 2</p> <p>novembro 2010</p>	<p>Editorial: Jemina Napier</p>	<p><i>Intentional Development of Interpreter Specialization: Assumptions and Principles for Interpreter Educators.</i></p> <p>Desenvolvimento Intencional de Especialização de Intérprete: Suposições e Princípios para formação de Intérpretes</p>	<p>Anna Witter- Merithew <i>University of Northern Colorado</i></p> <p>Brenda Nicodemus <i>San Diego State University</i></p>
<p>Volume 1</p> <p>novembro 2009</p>	<p><i>The Real Voyage of Discovery, Jemina Napier.</i></p> <p>A Verdadeira Viagem do Descobrimento</p>	<p><i>The Ontological Beliefs and Curriculum Design of Canadian Interpreter and ASL Educators.</i></p> <p>Crenças Ontológicas e o Desenho Curricular de Intérpretes canadenses e Educadores de ASL.</p>	<p>Campbell McDermid <i>George Brown College, Canada.</i></p>
<p>Volume 1, novembro 2009</p>	<p><i>The Real Voyage of Discovery, Jemina Napier.</i> A Verdadeira Viagem do Descobrimento</p>	<p><i>The Experiential Learning Theory and Interpreter Education</i></p> <p>A Teoria de Aprendizagem Experiential e a Formação do Intérprete</p>	<p>Jessica Bentley- Sassaman <i>Bloomsburg University of Pennsylvania, USA</i></p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

De um total de 17 revistas, apenas 7 trazem algum texto que aborda o trabalho de intérpretes em dupla ou em equipe. Quando computamos o número de artigos entre todas as revistas, chegamos a um total de 55 artigos, sendo que destes, apenas 7 abordam o trabalho em equipe ou em dupla. Além dos artigos científicos, “fórum aberto” é outra categoria de submissão de trabalho.

Ao todo são 35 fóruns, e dentre eles identificamos dois que tratam de trabalho em equipe. Em seguida, analisamos os textos e buscamos verificar de que modo os autores discutem o trabalho em equipe de intérpretes em seus textos. A prática é mencionada em diversas situações, tais como: relatos de experiência de uma médica surda com uma equipe de intérpretes que a acompanhava durante sua formação acadêmica; intérpretes designados para a área da saúde, salientando a escassez de pesquisas na área; desenvolvimento das

competências de interpretação, estratégias, práticas em sala de aula e práticas fora de sala de aula; entrevista com Jessica Dunkley, relatando sua experiência com intérpretes que a acompanharam durante sua formação acadêmica; crenças ontológicas e desenho curricular na formação de intérpretes de ALS; práticas e teorias experienciais na formação de intérpretes de ASL/Inglês. Dentre os destaques, ressaltamos a publicação de Meulder, Napier e Stone (2018), que apresentam um estudo de caso no qual dois intérpretes acompanham uma defesa de uma doutoranda surda. Eles discorrem sobre preparação antecipada da equipe junto à doutoranda e estratégias de interpretação durante a defesa, destacando principalmente que a equipe deve ter familiaridade com o ambiente acadêmico. Sendo assim, os intérpretes teriam um melhor desempenho profissional.

Por fim, Tter-Merithew e Nicodemus (2010) discutem, em âmbito americano, a especialização voltada para intérpretes de Língua de Sinais que atuam em diversos contextos. Eles apresentam um quadro conceitual trazendo pressupostos e valores fundamentais, baseados de um grupo de especialistas da *Mid-America Regional Interpreter Education Center* (MARIE), que trata de interpretação e formação de intérpretes.

Com isso, identificamos a resposta para pergunta da pesquisa: Quando se precisa de mais de um intérprete? “Em algumas situações, devido a uma combinação de fatores que aumentam a complexidade de uma interpretação, há a necessidade de mais de um intérprete. Intérpretes Surdos (DIs) são centrais e essenciais para a eficácia de muitas equipes [...]” (TTER-MERITHEW e NICODEMUS, 2010, p. 144 apud RID, 2007). Em trabalhos desenvolvidos por uma equipe,

normalmente é avaliado o nível de complexidade do contexto. Nesses casos, deve-se ter, de preferência, um intérprete surdo na equipe para que o trabalho se efetive. Os estudos internacionais sobre interpretação em equipe, apesar de poucos nessa revista, apontam que o trabalho em dupla melhora significativamente a qualidade da interpretação, visto que não sobrecarrega fisicamente e psicologicamente o intérprete.

Conclusão

A partir deste trabalho, constatamos que tanto os artigos quanto o fórum aberto não tratam da temática de interpretação em equipe de forma específica e apenas mencionam a execução da interpretação por equipes. Os resultados encontrados foram: a) escassez de estudos específicos sobre o trabalho em dupla de intérpretes;

b) cobertura de pesquisas insuficiente frente à demanda de trabalho em dupla na esfera educacional; c) necessidade de se repensar o papel dos intérpretes em revezamento, visando melhoria da formação e readequação de práticas em sala de aula; d) ausência de análises críticas sobre aspectos econômicos e políticos para o trabalho em dupla; e e) responsabilidade dos cursos de formação em fornecer melhores treinamentos, avançando no fortalecimento desse tipo de atuação.

Referências

ALBRES, N. A.; LACERDA, C. B. F. Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico de publicações internacionais e suas marcas no campo nacional. *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 31, p. 179-204, 2013.

ALBRES, N. A.; KELM, G. Um, dois ou mais intérpretes em sala de aula? Não se trata apenas de

uma questão numérica. *Revista UFG*, v. 20, n. 26, 31 dez. 2020. Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66423> Acesso em: 18 jul. 2021.

BEUREN, I.M.; SOUZA, J. C. de. Em busca de um delineamento de proposta para classificação dos periódicos internacionais de contabilidade para o Qualis CAPES. *Rev. contab. finanç.*, v. 19, n. 46, p. 44-58, 2008.

BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 12, 07 jul. 2015. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 18 jul. 2019.

DE MEULDER, M.; NAPIER, J.; STONE, C. Designated or preferred? A deaf academic and two signed

language interpreters working together for a PhD defence: A case study of best practice. *International Journal of Interpreter Education*, v. 10, n. 2, p. 5-26, 2018.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ci. Inf.*, v. 31, n. 2, p. 369-379, 2002.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

WITTER-MERITHEW, A; NICODEMUS, B. Intentional development of interpreter specializations: Assumptions and principles for interpreter educations. *International Journal of Interpreter Education*, v. 2, n. 1, p. 135-147, 2010.

PESQUISAS SOBRE O INTÉRPRETE EDUCACIONAL: MAPEAMENTO DOS DIFERENTES NÍVEIS DE ENSINO ESTUDADOS

Neiva de Aquino Albres¹
Mairla Pereira Pires Costa²



<https://youtu.be/e-ZMSsqQnK4w>



Palavras-chave: Intérprete educacional. Revisão sistemática. Políticas de inclusão escolar.

¹ Docente e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC no departamento de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Líder do grupo de Pesquisa Didática e Ensino de Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais - DETILS e membro do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais - InterTrads. E-mail: neiva.albres@ufsc.br.

² Mestra no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, bolsista CAPES. Participante do grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais - InterTrads. E-mail: mairla.libras@gmail.com.

Introdução

As pessoas surdas têm a Libras como direito conquistado pela Lei nº 10.426/2002, que a reconhece como meio legal de comunicação e expressão (BRASIL, 2002). O Decreto nº 5.626/2005, regulamentando a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2005) e também a Lei nº 10.098/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com a mobilidade reduzida (BRASIL, 2000) garantem o direito à educação bilíngue para os alunos surdos, em espaço inclusivo, o que é reafirmado na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

A educação bilíngue e inclusiva é posta como plano para execução nas próximas décadas, e as secretarias de educação precisam pensar formas de implementá-la em diferentes níveis de ensino. Os

Intérpretes Educacionais (IEs) atuam em diferentes níveis de ensino para garantir a Educação Inclusiva. No presente trabalho, objetivou-se resgatar e analisar as dissertações e teses que abordam o trabalho do IE que atua na mediação pedagógica de alunos surdos em escolas inclusivas, no sentido de mapear essas produções e os níveis de ensino estudados por essas pesquisas.

Referencial teórico

Consideramos a contribuição do pensamento bakhtiniano às Ciências Humanas no tocante ao modo de compreender o fenômeno da produção científica marcada pelas conjecturas sociais e políticas (BAKHTIN, 2010). Dessa forma, é preciso compreender a lógica social e política do sistema capitalista para contextualizar a organização da educação e das lutas de grupos sociais que refratam suas ideologias. A comunidade surda desenvolveu

uma grande força tarefa para imprimir no Plano Nacional de Educação a educação bilíngue por meio de escolas e classes bilíngues.



Estratégias: 4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, **em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas**, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos.
(BRASIL, 2014)

Para Albres (2018, p. 342), atualmente a política educacional indica pelo menos três possibilidades, “[...] a inclusão em escola comum em classes

inclusivas; inclusão em salas de aula com turmas específicas para surdos denominadas de classes bilíngues; ou escolas bilíngues para surdos”. Todavia, as distintas realidades não as operacionalizam como possibilidades de escolha, as instâncias governamentais (secretarias de educação municipais e estaduais) oferecem uma ou outra forma de educação, instituindo o mínimo obrigatório, geralmente se trata de disponibilizar um intérprete educacional. Contudo, há pouca avaliação do processo de implementação da educação bilingue e inclusiva em diferentes níveis de ensino para se ter um parâmetro dos avanços e dificuldades a depender da idade e desenvolvimento linguístico das crianças surdas. Também há necessidade de avaliar a complexidade do conhecimento acadêmico distribuído no currículo durante os anos escolares.

Para pesquisadores que delimitam o estudo em um determinado nível de ensino, não se tem uma

baliza de produção do conhecimento científico sobre a atuação do intérprete educacional nesses diferentes níveis escolares. Assim, desenvolvemos esta pesquisa com levantamento de dados sobre esse ponto.

Metodologia

A metodologia utilizada foi uma revisão sistemática a partir do levantamento de teses e dissertações publicadas entre os anos 1999 e 2018 que tratam sobre o intérprete educacional. Para este trabalho, apresentamos a resposta e discussão para a seguinte questão de pesquisa: Quais os níveis de ensino em que intérpretes educacionais atuam que já foram pesquisados em teses e dissertações?

A coleta de dados ocorreu por meio de busca automática ou busca manual em cinco fontes, listadas a seguir:

1) Busca Automática na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação desse tipo de produção acadêmica existente nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. Nesse site se encontra o trabalho completo, pois dá acesso à biblioteca da universidade de origem que precisa obrigatoriamente disponibilizar o trabalho;

2) Busca Automática em bibliotecas digitais do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes);

3) Busca manual em trabalhos bibliométricos que compilaram as teses e dissertações sobre o tema (PEREIRA, 2010; ALBRES e LACERDA, 2013; SANTOS, 2013);

4) Busca manual no Currículo Lattes dos orientadores das teses e dissertações já compiladas para verificar se orientaram outro trabalho com a

temática ou se participaram de bancas de mestrado e doutorado;

5) Busca manual na lista de referências das dissertações e teses levantadas na procura de novos estudos referenciados usando a técnica de *Snow-Balling* (bola de neve).

Para a busca, procedeu-se o cruzamento das principais palavras-chave relacionadas ao tema investigado: "intérprete educacional", "intérprete de libras", "tradutor intérprete de libras", "tradutor libras", "tradutores-intérpretes de língua de sinais", "interlocutor em libras", "professor interlocutor", "mediador educacional". Para atingir um número maior de trabalhos, decidimos ampliar a busca incluindo também os descritores: "inclusão educacional de surdos", "educação bilíngue libras", "educação de surdos", "educação de surdos interpretação", "educação de alunos surdos". Apesar dessa etapa ser denominada de "busca automática",

apenas o acesso foi automático, visto que para avaliar se o trabalho seria selecionado para nosso escopo, foi necessário, a partir da busca na plataforma, fazer a leitura do resumo, acessar o arquivo completo e consultar o sumário e, por fim, proceder à busca pela palavra “intérprete” no corpo do arquivo.

Análise

Apresentamos na Tabela 1, a categorização desenvolvida sobre os níveis de ensino estudados nas teses e dissertações.

Tabela 1 - Os níveis de ensino estudados nas dissertações e teses

NÍVEL DE ENSINO	TESES	DISSERTAÇÕES	TOTAL	%
Educação Infantil	0	1	1	0,3
Ensino fundamental I	8	19	27	9,0
Ensino fundamental II	9	17	26	8,8
Ensino fundamental I e II	3	19	22	7,3
Ensino Médio	7	35	42	14,0
Ensino fundamental II e Ensino médio	0	1	1	0,3
Ensino técnico	0	1	1	0,3
Educação de Jovens e Adultos	3	6	9	3,0
Educação Básica	5	54	59	19,7
Educação Básica e Ensino Superior	0	2	2	0,7
Ensino Superior	8	44	52	17,3
Educação não formal	1	6	7	2,3
Referente a todos os níveis de ensino	11	8	19	6,3
Não se aplica	4	28	32	10,7
TOTAL	59	241	300	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

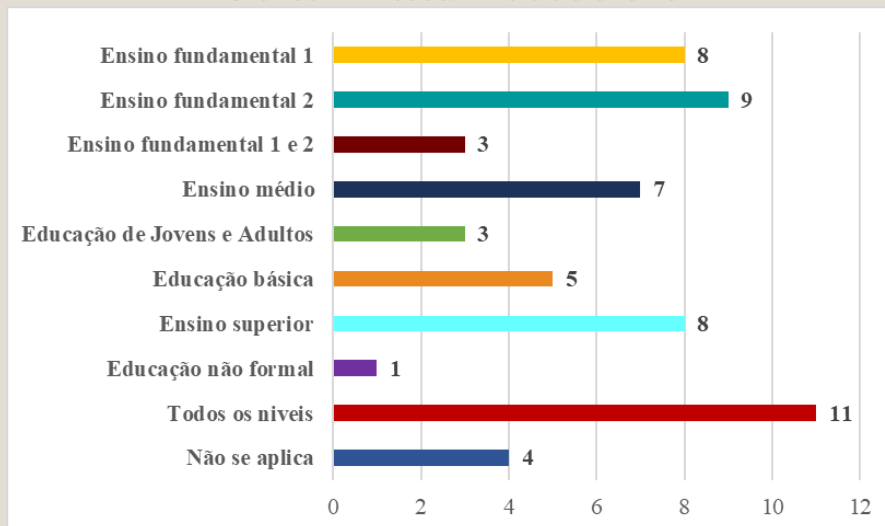
Compilamos 300 trabalhos (241 dissertações e 59 teses). A categorização dos trabalhos pelo nível de

ensino em que os intérpretes atuavam foi desenvolvida com o seguinte resultado: Educação Infantil (1), Ensino Fundamental 1 e/ou 2 (75), Ensino Médio (42), Ensino Fundamental e Médio (1), Ensino Superior (52), Educação básica e Ensino superior (2), EJA (9), Educação não formal (7). Utilizou-se a classificação “todos os níveis” em 19 casos, quando o trabalho não apresenta dados na escola propriamente, como trabalhos de análise documental ou de política educacional. Também houve casos em que não se aplica (32), ou seja, quando não há informação do nível de ensino pesquisado ou quando esse dado não é considerado no escopo da pesquisa. Os estudos analisados indicam que as pesquisas desenvolvidas cobrem a atuação do IE predominantemente na educação básica, seguida do ensino superior.

Predominam as pesquisas sobre o IE na educação básica, que focam em temáticas como a

mediação pedagógica e construção conceitual ou aspectos de aprendizagem dos alunos surdos. Sobre os estudos focados ensino superior, são significativas aquelas que discorrem sobre o intérprete profissional e as questões no âmbito linguístico (formação de professores, inclusão, práticas e estratégias de tradução e interpretação, condições laborais do IE, alteridade surda, dentre outros) (ALBRES; COSTA, 2019). Apresentamos abaixo os dados divididos em quantidade de trabalhos em teses e em dissertações, separadamente.

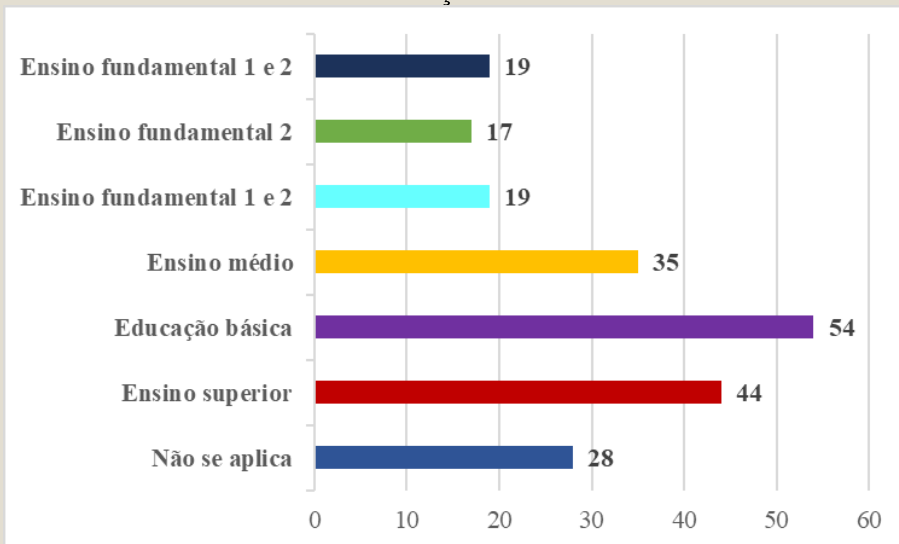
Gráfico 1 – Teses: níveis de ensino



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Nas teses, especificamente, identificamos que o número maior é de trabalhos genéricos sobre educação de surdos que abrangem todos os níveis de ensino. Em seguida, há uma maior concentração de trabalhos sobre o ensino fundamental 2, ensino superior e ensino fundamental 1.

Gráfico 2 - Dissertações: níveis de ensino



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Nas dissertações, especificamente, identificamos um número maior de trabalhos sobre a Educação básica (54), e sobre ensino superior (44).

Conclusão

Este trabalho possibilitou um entendimento do panorama dos estudos sobre o intérprete educacional no Brasil. Observa-se que a produção científica não é escassa, mas evidenciamos que determinados níveis de ensino estão bem descobertos de pesquisas, como a educação infantil. Porém, foram encontrados, em menor número, estudos que debatem a inclusão escolar dos surdos, problematizando a atuação do IE correlacionado a temáticas como os aspectos didáticos e pedagógicos, a formação docente, as políticas educacionais e o ensino e a aprendizagem dos surdos, demonstrando que, mesmo estas produções abrangendo diversos assuntos e uma gama abrangente de níveis de ensino, essa é uma área promissora para desenvolvimento de novas pesquisas no país.

Constatamos que existe uma carência de pesquisas que tenham o foco específico na atividade de interpretação situada no campo de Estudos da Interpretação, visto que a maioria das pesquisas foram desenvolvidas no *locus* da Educação, voltadas a discutir a atuação do intérprete na Educação Infantil e sua relação com a aquisição de linguagem da criança surda, por exemplo.

Referências

ALBRES, Neiva de A.; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico de publicações internacionais e suas marcas no campo nacional. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 31, p. 179-204, abr. 2013.

ALBRES, Neiva de A. Os diferentes caminhos para uma educação bilíngue (Libras/português) na região Sul do Brasil. *Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 339-363, out/2017-jan/2018.

ALBRES. Neiva de A; COSTA, Mairla P. P. O intérprete educacional em teses e dissertações sobre educação de surdos: focalizando temas de interesse (1999 a 2018). *In: I Colóquio Internacional de Educação Especial e Inclusão Escolar*, 25 a 27 jun. 2019, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis, 2019.

BRASIL. *Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000. Brasília: Casa Civil, 2005.

BRASIL. *Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Brasília: Casa Civil, 2000.

BRASIL. *Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002*. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília: Casa Civil, 2002.

BRASIL. *Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá

outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 26 jun. 2014.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 7 jan. 2008. MEC/SEESP: Brasília, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, v. 99-117, out. 2010.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. *Tradução/Interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. 2013. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MAPEAMENTO CIENTÍFICO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Victor Mendonça¹
Neiva de Aquino Albres²



<https://youtu.be/v8S4M6P31io>



Palavras-chave: Mapeamento. Pesquisas sobre tradução e interpretação. Língua de sinais.

¹ Graduado no curso de Letras Libras Bacharelado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: victormendonca@hotmail.com.

² Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Letras Libras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PPGET. Doutora em Educação Especial (UFSCar) e Mestre em Educação (UFMS). E-mail: neiva.albres@ufsc.br.

Introdução

O interesse atribuído a este estudo se refere à necessidade de refletir sobre quais áreas da tradução e interpretação de língua de sinais estão sendo mais pesquisadas e exploradas e quais são as mais carentes em pesquisas científicas. Neste trabalho, a análise se baseia nas publicações de artigos sobre tradução e interpretação de língua de sinais (TILS). Por esse motivo, esta pesquisa visa contribuir como um material teórico para embasar futuros estudos acadêmicos, fornecendo assim um panorama nacional dos estudos sobre tradução e interpretação de Libras-português (ETILS).

As perguntas de pesquisa foram: Quais são as pesquisas publicadas em formato artigo acadêmico no Brasil sobre TILS? Quais campos de pesquisa são mais desenvolvidos e explorados entre os Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação de língua de

sinais? Quais são os campos descobertos de pesquisas em ETILS?

Referencial teórico

Tomamos como base teórica os autores Albres (2006, 2019), Albres e Lacerda (2012), Pereira (2010), Santos (2013), Santos, Costa e Galdino (2016), Santos e Rigo (2016) e Santos (2018), pautados em uma perspectiva teórico-metodológica, histórico-social e de gestão do conhecimento, sendo pesquisas de caráter bibliométrico decorrentes de mapeamentos provenientes da área dos ETILS no Brasil, atribuindo discussões e problematizações por meio dos resultados encontrados.

O estudo sobre as pesquisas de uma determinada área também contribui para a compreensão da história desse campo.



A história pode ser narrada a partir de um marco temporal, a partir de fatos vividos com base em registros históricos e memórias ou a partir das investigações produzidas sobre o tema. O início do interesse por temas de pesquisa não coincide com o início de vivência do fenômeno estudado (ALBRES, 2020, p. 371).

ALBRES (2020) indica que a atividade de intérpretes precede as investigações. Da mesma forma, o levantamento de pesquisas é uma forma de narrar a história dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais.

Metodologia

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliométrica de abordagem quali-quantitativa. Optamos por utilizar apenas artigos, ou seja, artigos científicos que tratam da interpretação e tradução de línguas de sinais no período de 1997 até 2019. Assim, foram analisados 137 artigos.

O objetivo geral é compreender o movimento científico e a configuração das pesquisas sobre os Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) no Brasil. Como objetivos específicos delimitamos: 1) levantar estudos bibliométricos sobre ETILS; 2) localizar e mapear os diferentes artigos científicos sobre TILS; 3) classificar as pesquisas conforme as categorias de mapeamentos dos Estudos da Tradução.

Em nossa pesquisa, o procedimento de coleta, a análise e a interpretação dos dados foram construídos por meio de:

- 1) Levantamento dos estudos bibliométricos sobre ETILS;
- 2) Levantamento de revistas científicas de Estudos da Tradução, com dossiês específicos e de alguns artigos que fizeram mapeamentos sobre tradução e interpretação em língua de sinais em diferentes períodos;

- 3) Os dados dos artigos selecionados que foram salvos em planilha de dados do Microsoft Excel® para uma melhor organização e visualização das informações, o que permitiu construir gráficos e cruzamento de informações;
- 4) Leitura dos resumos dos artigos;
- 5) Categorização dos estudos (artigos), conforme mapeamento proposto por Holmes (1988), relacionado aos Estudos da Tradução;
- 6) Construção de gráficos (dados quantitativos) e;
- 7) Construção de um mapeamento com o número de artigos levantados por categoria.

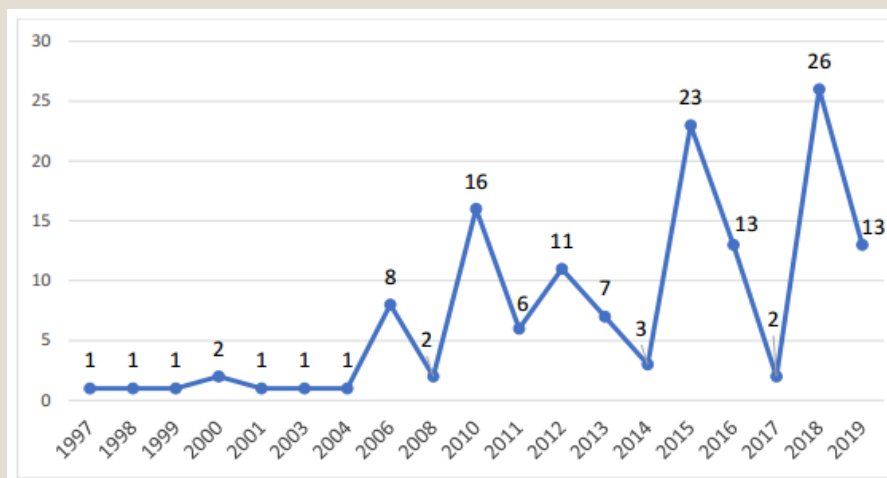
Análise

Na primeira parte da análise, tratamos os dados sob uma perspectiva histórica, por exemplo, organizando uma evolução da produção científica por ano. Já na segunda parte, foram distribuídas as publicações por revista científica. Na terceira parte,

analisamos as categorias relacionadas aos mapeamentos dos Estudos da Tradução, são elas: puros (teóricos e descritivos) e aplicados. A última parte consiste na categorização e análise dos artigos em Estudos da Interpretação, Estudos da Tradução e ambos, observando quais das áreas são mais desenvolvidas e exploradas no que tange a esfera da língua de sinais.

Evolução da produção científica por ano

Gráfico 1 - Evolução da produção científica de artigos sobre TI



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Foram encontradas algumas informações relevantes a respeito da evolução da produção científica. Primeiramente, podemos afirmar que no período de 1997 a 2004, as produções sobre tradução e interpretação de língua de sinais eram relativamente pequenas se comparadas aos anos seguintes. Uma hipótese para a quantidade de publicações ser baixa consiste no contexto da época, sendo que a língua de sinais então não estava completamente consolidada em diferentes esferas apesar da legislação nacional já apontar seu reconhecimento legal.

Evidenciamos que os primeiros artigos produzidos sobre interpretação de língua de sinais eram provenientes de outros campos de pesquisas, como é o caso da Linguística, e não por estudiosos de tradução e interpretação. Devido a isso, existe uma forte raiz da Linguística dentro do campo dos ETILS, favorecendo o surgimento, crescimento, desenvolvimento e enriquecimento desse campo de

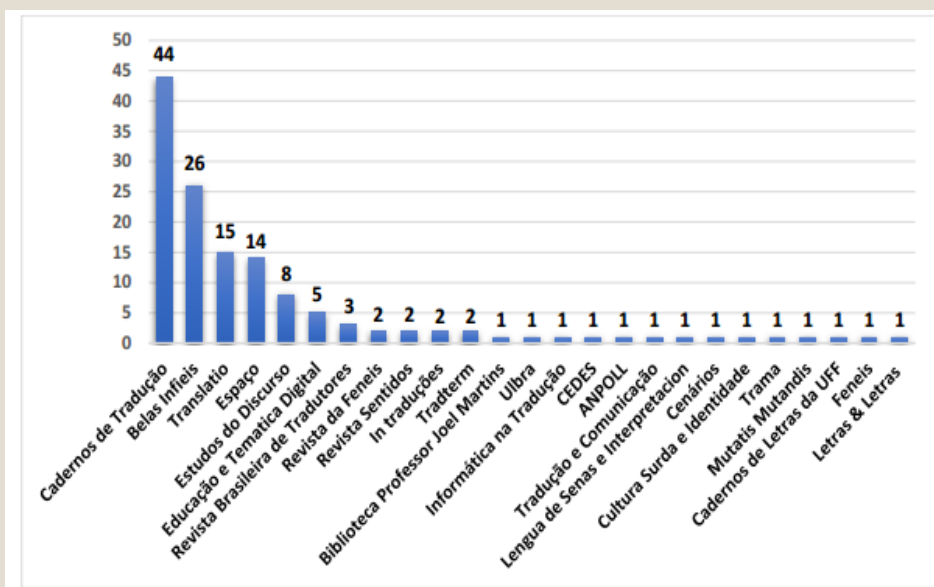
pesquisa (FELIPE, 1999; PIRES, 1998; KARNOPP, 2003). Também há muitas produções provenientes do campo da Educação.

A partir de 2006 houve um crescimento nas publicações, isso pode ter acontecido devido a diversos fatores, dentre eles estão: o surgimento do curso de graduação em Letras Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade à distância, além do Decreto nº 5.626 em 2005 (BRASIL, 2005), reconhecendo a Libras como a primeira língua dos surdos; a criação do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Português, um evento de grande relevância para área; e uma crescente produção de pesquisas científicas na pós-graduação sobre tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais.

Distribuição da produção científica por revista

De acordo com o nosso *corpus*, a revista *Cadernos de Tradução*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, obteve o maior percentual isolado de acordo com o número de publicações referentes a artigos científicos, tendo um papel fundamental para o fomento e produção de pesquisa, tomando um papel de destaque e se tornando referência no país no que tange artigos sobre tradução e interpretação de língua de sinais (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Distribuição das publicações por revista científica



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Constatamos que a revista *Cadernos de Tradução*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) da UFSC, se dedicou à tradução e tem um espaço de destaque atualmente com o elevado número de artigos publicados sobre ETILS (44 artigos). Seu primeiro dossiê dedicado à Libras foi organizado por Ronice Muller de Quadros.

Em segundo lugar aparece a revista *Belas Infiéis*, com 26 artigos. Esse periódico é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Tradução (POSTRAD) da UnB que, em 2016, teve um volume especial organizado pelo professor José Ednilson Gomes de Souza Júnior para contribuir com a discussão em torno da importância dos ETILS. Nesse volume foram publicados dez artigos produzidos por pesquisadores das mais diversas instituições de ensino do país e internacionais.

Em terceiro está a revista *Translatio*, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a publicação de uma série de quinze artigos em 2018, com dossiês específicos organizados por Maria Cristina Pires Pereira e Tiago Coimbra Nogueira.

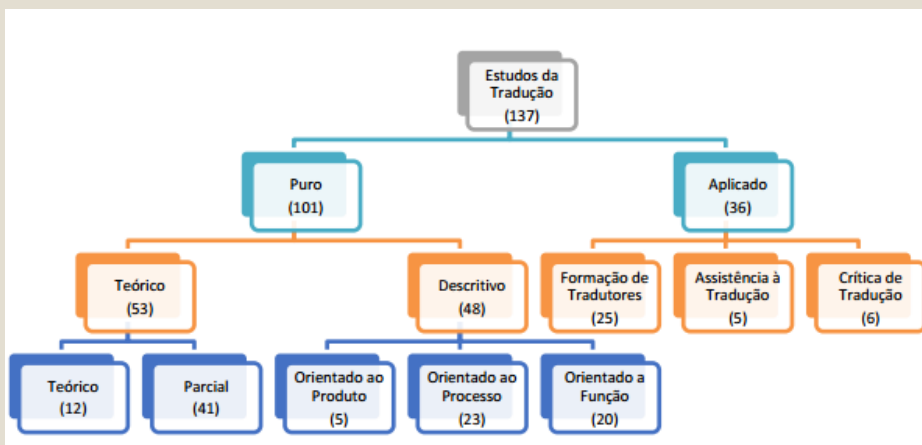
Seguindo, na quarta posição aparece a revista *Espaço*, do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com diversos dossiês e artigos avulsos sobre ETILS, contabilizando 14 artigos.

Em quinto lugar está a *Revista de Estudos do Discurso - Bakhtiniana*, com 8 publicações, o que evidencia o interesse dos pesquisadores por essa perspectiva teórico-metodológica.

Mapeamento dos Estudos da Tradução: Puros (Teóricos e Descritivos) e Estudos Aplicados

Existe uma concentração maior de pesquisas na categoria “estudos puros” (101) do que “aplicados” (36). Isso ocorre devido a diversos artigos se enquadrarem na categoria teórico/parcial/restrita ao meio, ou seja, um grande número de trabalhos tratam da interpretação no meio educacional, jurídico ou de conferência. A partir do mapa de Holmes, pode-se classificá-los como pesquisas voltadas para o meio.

Figura 1 - Separação entre os artigos científicos sobre TILS, entre os estudos puros e aplicados



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Em segundo lugar ficou a categoria parcial, são textos restritos ao tipo textual ou gêneros específicos, por exemplo, traduções da Bíblia, textos científicos, ou seja, artigos voltados à tradução de tipos textuais ou gêneros específicos.

O restante dos artigos voltados à história e educação de surdos foram categorizados como teórico-gerais, se tratando de pesquisas relacionadas à teorização, enquanto que no processo descritivo houve um grande número de publicações na categoria

“orientado ao processo”, com diversos artigos tratando de procedimentos tradutórios para Libras.

Continuando a falar sobre os estudos descritivos, outra categoria de destaque são os estudos orientados à função. Muitos desses artigos trazem como marca uma situação sociocultural, ou seja, um estudo mais de contextos do que textos. Sobre os estudos focados no produto, estes englobam a descrição de traduções já existentes, ou seja, uma análise comparativa sobre o ato tradutório. No ramo aplicado, podemos começar com os estudos de formação de tradutores. Nesta categoria houve o maior número de artigos entre os aplicados, como os artigos sobre a formação de tradutores/intérpretes de Libras. No campo “assistência à tradução” entram artigos que servem como ferramentas de apoio para tradução, ou seja, artigos que auxiliam no processo tradutório, neste caso, da língua de sinais. Por último, foram encontrados poucos artigos sobre crítica de tradução, que tem como

objetivo fazer uma avaliação de traduções, revisões ou críticas do processo tradutório.

Classificação e divisão entre Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação

Do total de artigos, 46% caracterizam-se como pertencentes aos Estudos de Interpretação em Língua de Sinais, voltados para os contextos de trabalho, principalmente, com artigos tratando do âmbito da educação, subárea mais desenvolvida.

Albres (2009) indica ainda que o número elevado de publicações na esfera de interpretação educacional se dá também pelos Programas de Pós-Graduação em Educação serem o berço das pesquisas de mestrado e doutorado sobre TILS, ou seja, muitas provêm de universidades que só tem mestrado e doutorado na área de Educação, Ensino, Didática e não têm um programa em Estudos da Tradução, por exemplo.

Os trabalhos na categoria “ambos” computam 22%, sendo artigos referentes às duas áreas, tanto interpretação quanto tradução. Grande parte dos artigos analisados buscam uma reflexão e conscientização sobre a atividade de tradução e interpretação em língua brasileira de sinais, analisando as suas competências, códigos de ética, desafios, propostas para o para os currículos de formação de tradutores/intérpretes, conduta profissional, apresentando divergências entre processo tradutório e interpretativo em língua de sinais, enfatizando as suas atribuições e seu mercado de trabalho, concluindo que apesar de usarem a mesma modalidade Libras-Português, realizam papéis diferentes.

Os artigos de Estudos de Tradução em Língua de Sinais atingiram 21% do *corpus*. Tratam principalmente de tradução adiovisual e tradução literária.

No caso da categoria *não se aplica* (10%), estão os artigos que não têm relação com interpretação e nem

com tradução. Nessa categoria foram alocados os artigos sobre inclusão, educação de surdos, história da comunidade surda, dentre outros.

Gráfico 3 - Classificação dos artigos entre Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação de Língua de sinais



Fonte:

Elaborado pelos autores (2019).

Conclusão

Essa pesquisa buscou realizar uma análise sobre os artigos científicos produzidos sobre tradução e

interpretação em língua de sinais no Brasil, com o intuito de levantar, caracterizar e discutir o desenvolvimento dos ETILS. Os artigos foram categorizados em várias perspectivas, dentre elas: evolução de produção científica, número de publicações por revista científica, categorização de artigos entre tradução e interpretação, e, por último, os dados foram classificados seguindo o mapeamento proposto por Holmes, dividindo-os entre Estudos Puros e Aplicados.

O crescimento das pesquisas ocorreu também devido às diversas leis, decretos, pelo surgimento do curso de Letras Libras, criação de eventos científicos e parcerias de pesquisas relacionados a língua de sinais (desenvolvidos no PPGET da UFSC) e a formação de mestres e doutores nos Programas de Pós-Graduação que têm como tema tradução e interpretação em língua de sinais. Também percebe-se o desenvolvimento de pesquisas em outros programas de Pós-Graduação, como os de Educação, em todo o país. Esses trabalhos

incorporam a temática de interpretação educacional, políticas educacionais e políticas de tradução. Todos esses fatores podem ter colaborado para o desenvolvimento da área de Estudos da Tradução e Interpretação em Língua de Sinais.

Referências

ALBRES, Neiva Aquino. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: uma história contada com as primeiras pesquisadoras. *In*: RODRIGUES, Carlos Henrique; QUADROS, Ronice Müller de (orgs.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. v. 5. Florianópolis: Editora Insular, 2020. p. 371-390. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216891>. Acesso em: 20 out. 2020.

ALBRES, Neiva de Aquino; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico de publicações internacionais e suas marcas

no campo nacional. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 31, p. 179- 204, abr. 2013.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. IN: Holmes, J.S., 1988. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, p. 67-80. Reprinted e.g. in VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000, p. 172-185.

SANTOS, S. A. DOS; RIGO, N. S. A produção acadêmica sobre tradução e interpretação de Libras de egressos da pós-graduação da UFSC. *Letras & Letras*, v. 32, n. 1, p. 124-148, 21 ago. 2016.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. Estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em estudos da tradução. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 394-375, 2018.

SANTOS, Silvana Aguiar dos; COSTA, Mairla Pereira Pires; GALDINO, Thuanny Sá. Nas trilhas da tradução e interpretação de português/Libras em revistas de tradução no Brasil. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 26, n. 52, p. 525-545, jul. 2016.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. *Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. 2013. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa, Florianópolis, 2013.

Fonte das fotos dos autores citados

Adam Schembri

<https://www.birmingham.ac.uk/staff/profiles/elal/schembri-adam.aspx>

Heloisa Barbosa

<http://www.letras.ufrj.br/get/participantes/heloisabarbosa.html>

Carlos Henrique Rodrigues

<https://www.facebook.com/photo?fbid=10158380813169868&set=a.10150106389844868>

Célio Garcia

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000100247

Cristiane Nord

<https://ufs.academia.edu/ChristianeNord>

Hurtado Amaro

<http://www.congresoselm.com/es/programa.php>

Antoine Berman

<https://www.pressreader.com/france/liberation/20090122/282106337523379>

Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado

<https://www.facebook.com/photo?fbid=10224298888042462&set=a.1600730340778>

Michel Foucault

<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/michel-foucault.htm>

Vetores

https://br.freepik.com/vetores-premium/mao-para-clicar-em-mouse-e-balao-de-fala-desenho-de-vetor_4409324.htm

https://br.freepik.com/vetores-gratis/ilustracao-de-lei-conceito_2606575.htm#page=1&query=lei&position=1

https://br.freepik.com/vetores-premium/mao-segurando-o-mouse-do-computador-no-escritorio-ou-em-casa-na-ilustracao-dos-desenhos-animados-no-fundo-branco_9783437.htm#position=0

Balões

https://pt.dreamstime.com/linha-%C3%ADcones-grupo-da-bolha-do-discurso-bal%C3%B5es-texto-ilustra%C3%A7%C3%A3o-diferente-vetor-das-formas-em-um-fundo-branco-image131969594#_



ISBN: 978-65-87206-66-0

CRL



9 786587 206660